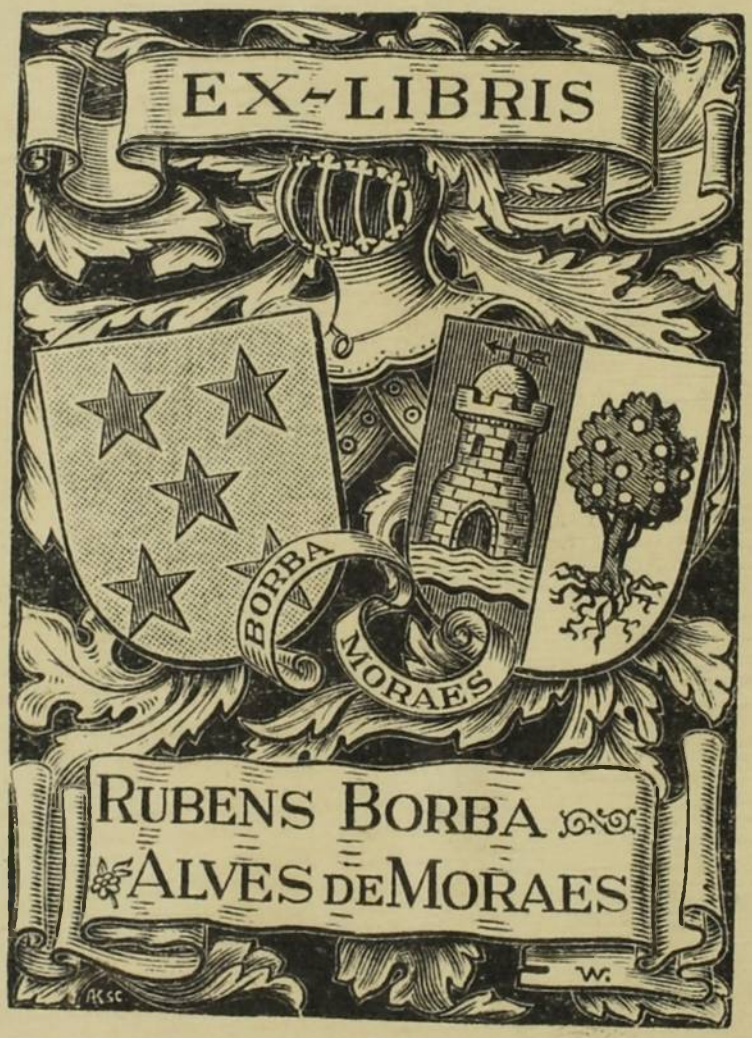

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Hipolito da Costa
Januario da Cunha Barbosa

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catbecismo e Regulamento Geral do Grão de Aprendiz,

PRIMEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANIZADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

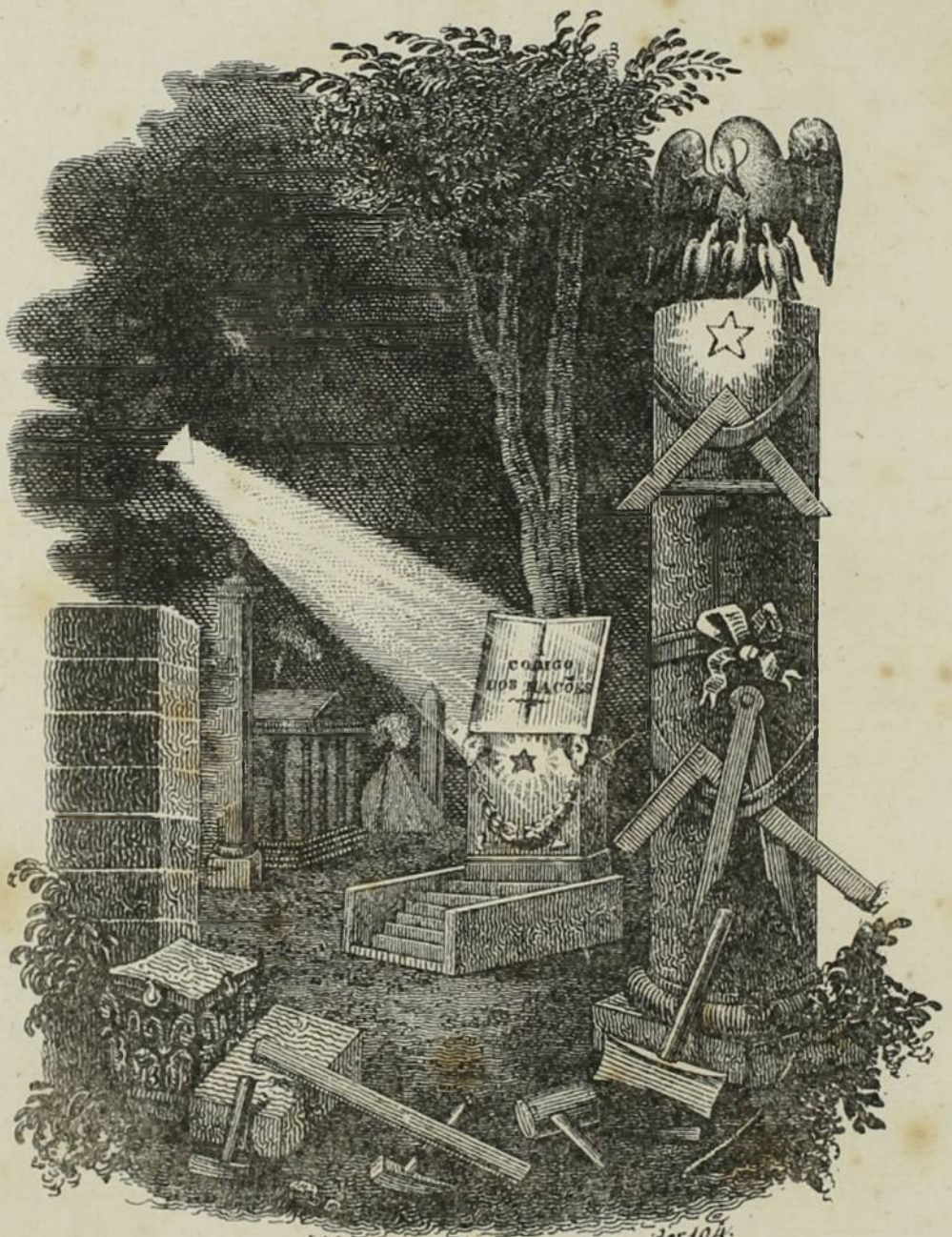
PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM ·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1833.

Instrucções Maçonicas.



Lith. de V.ª Lartet e C.ª rua do Ouvidor 104.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Cathecismo e Regulamento Geral do Grão de Aprendiz,

PRIMEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANIZADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1833.

INTRODUCÇÃO.

DO MODO COM QUE HUM MAÇ.·. SE DEVE COMPORTAR EM LOJA.

Huma Loja he huma Assembléa de homens virtuosos, e por consequencia respeitaveis. Todo o homem de boa razão deve ter por principio merecer a estima da Sociedade, em que he Membro, e o primeiro meio, que deve empregar, he cumprir exactamente as Leis, á que se submettéra, ou por Estado, ou por juramento. As da Maçoneria tem por base a honra, a decencia, e a humanidade. Eu não me alargarei sobre os costumes: quem diz Maçāo, diz homem de bem; e todos os novamente iniciados devem persuadir-se, que este nome he generico; isto he, que comprehende o de

subdito fiel, bom filho, bom esposo, bom pai, amigo perfeito, e cidadão livre. Aquelle, que tanto se esquece de si mesmo, que deixa de cumprir tão importantes deveres, não deve esperar mais do que humiliaçõe, e a Maçoneria o pune com desprezo. He verdade, que ella o não prende, mas separa o do seu gremio, e d'elle se esquece. A decencia he inseparavel de huma alma bem formada. Se o nascimento, e as distinções profanas não são nada entre os Maçõe, a boa educação he tudo. He pois essencial, que trajem modestamente, e que nunca profirão palavra, que offenda a decencia, e a honestidade.

Qualquer que seja a relação, em que os Maç.·. estejão entre si, não devem usar de outro nome que o de Irmão; isto faz parte do elogio da Maçoneria; porque este nome sagrado encerra todos os sentimentos, do que são susceptiveis os nossos corações.

He essencial lembrarem-se, que não he permittido a Irmão algum, excepto aos Vigilantes, e ao Orador, fallar em Loja aberta,

sem permissão obtida do Venel.; para este effeito levanta-se a mão direita, e o Vig.·. da respectiva columna bate, e adverte ao Venel., que ha hum Irmão em sua columna, que pede a palavra.

Nunca se deve sahir da Loja, sem se advertir ao Vig.·. pelo modo que se disse; e posto que a ninguem se impede a sahida, com tudo esta formalidade he necessaria para que a boa ordem se mantenha sempre.

Quando aconteça receber algum insulto em Loja, ou ouvir cousa absolutamente contraria á Ordem Maçonica, deve esse Irmão queixar-se ao Venel., obtendo primeiramente a permissão, como fica dito. Todavia, ninguem deve chegar a este extremo, sem que a offença seja gravissima, porque em todo o caso a indulgencia he preferivel á vingança.

Não pode algum Ir.·. retirar-se dos trabalhos, sem lançar na bolça da beneficencia a sua quota do costume; nem entrar depois de aberta a Loja, sem as formalidades do rito.

Por estas poucas reflexões comprehende-

se, que a Maçoneria exige dos seus adeptos sentimentos superiores aos vulgares. E como esta segue todas as Leis do Estado, e da Religião despida de fanatismo, he a Charidade hum dos seus principaes deveres. Mas fazendo-se actos de beneficencia deve-se procurar, que não hajão d'elles outras testemunhas além do Ceo, e do coração, porque o merecimento d'esta grande virtude perde-se, quando a ostentação he o seu motivo.

ADVERTENCIAS SOBRE A ABERTURA, E ENCERRAMENTO DA LOJA.

A abertura da Loja não he propriamente outra cousa, senão o consentimento unanime de começar os trabalhos. Encerramento da Loja he o consentimento unanime de terminar os trabalhos da Sessão. A ceremonia, por que antigamente começava a abertura da Loja, era huma oração a Deos; mas as perseguições dos Tyrannos, principalmente as que soffrerão os primeiros Christãos, fizerão com que symbolizassem os pontos principaes da Religião, como se ha ia feito na moral: sendo evidente, que as idéas abstractas da moral só podem ser comprehendidas pelos talentos medianos, quando são explicadas por idéas physicas. Desde então começárão estes homens virtuosos á symbolizar debaixo de emblemas materiaes a homenagem, que prestavão ao Ente Supre-

mo, e a observancia das virtudes: por consequencia a abertura da Loja ficou sendo huma observancia simples, curta, e symbolica, como tudo o mais da Maçoneria, porém inteiramente distincta, e independente da instrucção.

D'aqui se vê quão errada seja a pratica de alguns Mestres de Loja, que no ceremonial da abertura da Loja fazem algumas perguntas do Cathecismo; e outros com mais indesculpavel ignorancia dos Estatutos da Ordem, exigem dos Vigilantes n'esta occasião alguns signaes, sendo certo, que contendo essas cousas importantes segredos da Maçonaria, vem a ser hum crime tratar d'ellas antes da Loja estar aberta: o que certamente ainda não está, ao tempo que se está abrindo, nem antes dos applausos da abertura. Não he menor a imprudencia de que usão alguns Mestres, exigindo na occasião da abertura da Loja signaes, e provas de serem os Vigilantes Maçõnes, não só porque os Mestres devem conheeer os seus Officiaes pessoalmente, mas porque o exame dos irmãos, que se não conhecem, deve ser feito

pelos Expertos, e fóra da Loja: e pelo que toca aos Irmãos, que estão na Loja, ao tempo da abertura, ao Vigilante pertence conhecer se são, ou não Mações, para responder ao Veneravel, quando este lhe pergunt r, se os irmãos estão em ordem, porque havendo algum irmão não conhecido, será mandado sahir para ser admittido com as devidas formalidades, ao depois da Loja estar aberta: nem o Vigilante poderá responder ao Veneravel, que os irmãos estão em ordem, sem haver praticado estas diligencias.

DO QUE SE DEVE PRATICAR EM LOJA COM OS VISITADORES.

A virtude da hospitalidade foi sempre tão respeitada dos Mações, que elles não perdêrão em tempo algum as occasiões de a inculcar, e ensinar a pratica d'esta virtude por meio de symbolos, e signaes sensiveis. D'aqui vem as attenções, civilidades, e distincções, com que os irmãos visitantes, principalmente estrangeiros, devem ser recebidos nas Lojas.

Nenhum irmão visitante deve assistir á abertura da Loja, se não fôr maçonicamente conhecido, quando o Veneravel, ou outros Membros da Loja tem trabalhado com o tal irmão em alguma Loja regular; porque para isto não basta o reconhecimento ordinario praticado fóra da Loja. E nenhum irmão, que não fôr por esta maneira conhecido por Membro da Loja, será n'ella admittido em

tempo algum, sem preceder o exame do Experto; ou do *Ne-varietur* da Carta, como fica declarado no Capitulo 2.°

Quando o Veneravel fôr avisado, de que ha na camara dos passos perdidos hum visitante; que deseja entrar na Loja, antes que o mande entrar, se informará do gráo, que tem o visitante; e se esse gráo fôr superior ao do Experto de fóra, então a Loja mandará huma Commissão de hum, ou tres Membros para o examinar, os quaes terão pelo menos, o gráo, que diz ter o visitante.

O visitante, ao entrar da porta da Loja, dá o toque, e palavra de passe ao Experto de dentro, como fica dito, e deve então marchar dando os passos, segundo o gráo da Loja, que estiver aberta, mas regulando os passos de sorte, que quando der o ultimo, fique postado no meio das columnas, e entre os Vigilantes, e saudará com o signal do gráo proprio da Loja aberta, ao Veneravel, o qual agradecerá a saudação, fazendo com o macete na mão o mesmo signal, ou o de resposta nos gráos em que o ha. O visitante saudará depois o 1.° Vigi-

lante sem se tirar da postura, mas torcendo hum pouco o corpo para o Meiodia, e fazendo o signal, a que o 1.º Vigilante responderá com outro da mesma maneira, que o fez o Veneravel; e ultimamente fará o visitante a 3.ª saudação ao 2.º Vigilante, e sua columna, de quem receberá o mesmo agradecimento; e logo se voltará o visitante para o Oriente, e o Veneravel lhe perguntará:

« Amado irmão visitante, a que vindes aqui a este Templo? »

O visitante responderá. « Participar dos vossos augustos trabalhos, e instruir me com as vossas luzes, e edificar-me com o exemplo das vossas virtudes. »

Alguns Veneraveis costumão fazer, n'esta occasião, ao visitante duas, ou mais perguntas do Cathecismo, e acabadas ellas, o Veneravel diz:

« Tomai assento, meu amado irmão, no lugar, que as vossas luzes, e as vossas virtudes merecem. »

Logo que o Veneravel manda ao visitante tomar assento, o Mestre de Ceremonias o

deve conduzir, com todas as mostras de attenção, e civilidade, assignando-lhe o lugar no tope da columna do seu respectivo gráo; e se o visitante fôr estrangeiro, então sem attender ao gráo, lhe assignará hum lugar dos mais distinctos da Loja.

Sendo o Veneravel informado, de que o irmão visitante, que deseja entrar, he o Grão Mestre da Ordem, ou hum Cavalleiro Roza-Cruz, antes de mandar que seja admittido, lembrará á Loja que se disponha para lhe fazer as honras costumadas, e lhas explicará, se o julgar necessario, afim de que o ceremonial se execute sem perturbação: sendo muito do interesse dos Veneraveis, que os visitantes não tenhão que notar faltas de regularidade na Loja; porque todas estas, com muita razão, se devem imputar ao Veneravel.

Logo que o visitante G.·. M.·. da Ordem, ou Roza-Cruz, dêr o primeiro passo da marcha dentro da Loja, o Veneravel bate hum golpe de macete forte: quando o visitante dá o segundo passo, o 1.° Vigilante outra pancada de macete; e quando o visitante dá

o terceiro passo, o 2.° Vigilante dá a terceira pancada. Para estas pancadas serem dadas ao tempo dos passos, o visitante os fará com vagar sufficiente, e os Vigilantes teráõ os olhos attentos para o visitante. Ao tempo em que o 2.° Vigilante bate a terceira pancada, o Veneravel, e toda a Loja se levanta de pé, e assim se conserva até que o G.·. M.·., ou Roza Cruz tome assento. E em quanto o Veneravel fizer as perguntas ao visitante, terá sempre o macete na postura do signal gotoral, para agradecer ao visitante a mesma postura respeitavel, em que deve estar.

No caso de o visitante ser d'esta graduação, quando o Veneravel o manda tomar assento, o Mestre de Ceremonias o conduz ao Trono, e logo que elle ahi chegar, o Veneravel descerá da cadeira, e lhe entregará o macete, fazendo primeiro com elle o signal do gráo da Loja aberta, em signal de que pela sua alta dignidade lhe entrega o governo da Loja. O visitante recebe o macete, e entra para a parte da cadeira, mas sem se sentar, nem encostar a ella, torna

a entregar o macete ao Veneravel, fazendo tambem o signal da Loja aberta: logo o Veneravel entra para a cadeira, e o visitante vai tomar o primeiro lugar, á direita do Veneravel, se he o G.·. M.·.: e se he simplesmente Roza-Cruz, toma o primeiro lugar entre os do seu gráo.

Esta renuncia da parte do G.·. M.·., ou Roza-Cruz, pois que sempre se pratica, he voluntariamente da sua parte; porque elle tem effectivamente o direito de subir á cadeira, e fazer o officio do Veneravel.

O visitante qualquer, antes de sentar-se, fará (bem como os demais irmãos quando se sentão) o signal da Loja aberta, aos dois irmãos, que lhe ficarem á direita, e á esquerda.

Na Loja de Mesa, além da precedencia do lugar, que os visitantes devem ter, com a mesma ordem, que nas Lojas de instrucção, ou recepção; haverá o cuidado de fazer sentar aos lados do visitante dois irmãos da Loja, que se julgarem mais bem aceitos ao visitante, afim de o entreterem na conversação, e de o servirem; fazendo-

lhe as honras da Mesa: porque a liberdade, e franca sinceridade, que deve reinar nos banquetes maçonicos he, e deve ser compativel com as leis da civilidade, que se costuma praticar com os hospedes.

Em todas as Lojas, que assistir visitantes, o Veneravel, antes de propor a moção de fechar a Loja, fará o seguinte comprimento ao visitante. O Veneravel diz:

« Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes, convidai a todos os nossos irmãos, em todos os seus gráos, e qualidades, tanto da parte do Meio dia, como da parte do Norte, para que agradeçamos ao nosso Irmão F. o favor, que nos fez de ajudar aos nossos trabalhos, e instruir-nos com as suas luzes, mostrando a nossa gratidão, e alegria, que a sua presença nos causa, com as acclamações do costume. »

O 1.° Vigilante diz: « Meus Irmãos, que formaes a columna do Meiodia, eu vos convido da parte do nosso Veneravel, para que agradeçamos ao nosso I.: F. o favor etc. » como já fica acima dito.

O 2.° Vigilante repete o mesmo na sua

columna do Norte: e ambos dão parte ao Veneravel, que está annunciado, e o Veneravel diz: « A' mim, meus Irmãos. » Então bate huma pancada de macete, que he respondida com outra, pelos dois Vigilantes, e toda a Loja se poem de pé, com as acclamações na forma da Loja que está aberta.

O visitante não bate estes applausos, mas em quanto elles durão, terá os braços em postura de respeito; mas acabada a acclamação, o visitante agradecerá os applausos com estas, ou semelhantes palavras:

« Venerabilissimo Mestre, Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes, Irmão Orador, e mais Irmãos Dignitarios, Cavalheiros Roza-Cruzes (se os ha) que tão dignamente decorais o Oriente, e Irmãos de todos os gráos, que formais ambas as columnas.

Eu vos agradeço, como devo, penetrado do mais vivo sentimento de gratidão, pelo favor, que me fizestes de me receber, e admittir á participar dos vossos Augustos Trabalhos, e edificar o meu reconhecimento, e prazer; do que batendo os applausos da Ordem; rogo ao Irmão Mestre de Ceremo-

nias, que me dirija para edificar-me com o exemplo das vossas virtudes: e como não posso melhor certificar o meu reconhecimento, e prazer, do que batendo os applausos da Ordem, desejo por isso, que o Irmão Mestre de Ceremonias me dirija para o fazer.»

O Mestre de Ceremonias faz o signal, e bate os applausos com o visitante; e logo que acabão, o Veneravel diz: « Meus Irmãos, cubramos estes agradecimentos. »

O Veneravel, e toda a Loja bate segunda vez os applausos, e então senta-se o Veneravel, e todos o imitão.

Sendo mais de hum visitante, o Veneravel não será obrigado a nomear os nomes de todos; mas dirá em geral: « os nossos amados Irmãos visitantes; » e o comprimento de agradecimento será recitado pelo visitante mais graduado, e com elle applaudiráõ os demais visitantes.

Se porém entre os visitantes estiver o G.·. Mestre, ou algum Roza-Cruz, primeiro se fará separadamente o ceremonial com este, ou com estes, e depois se repetirá o mesmo com todos os mais visitantes juntamente.

ABERTURA DA LOJA DE AP.:

Os Officiaes Dignitarios, de que a Loja de Aprendiz se compõe são: o Mestre, que se trata por Veneravel: Primeiro Vigilante: Segundo Vigilante: Orador: Thesoureiro: Secretario: Mestre de Ceremonias: Espertos: Cubridor, ou Esperto de fóra. O numero d'estes officiaes he sempre o mesmo em todas as Lojas, e posto que em algumas tenhão differentes denominaçõ-s, o numero não se pode alterar, porque significa 3 vezes 3.

Todos os Irmãos, que assistirem á Loja de Aprendiz, devem estar decorados com insignias de algum dos gráos que tiverem: he livre a escolha da insignia, mas o tratamento, e lugar, que o irmão tiver na Loja, deve ser correspondente á insignia, que o mesmo irmão actualmente trouxer, posto que tenha gráo superior ao que de-

nota a sua insignia: de maneira, que nem ao mesmo Roza Cruz se faráõ as honras do seu gráo, se trouxer insignia de gráo inferior.

Os Irmãos, que forem Officiaes Dignitarios da Loja, devem trazer, além da insignia do seu gráo, a insignia correspondente do officio, a qual se entregará ao irmão, que os haja de substituir, quando lhes for necessario deixar o lugar.

As insignias dos Irmãos Dignitarios são: o Veneravel, hum compasso entrelaçado na esquadria, de maneira que o angulo da esquadria fique para baixo; e o angulo que formão as pernas do compasso abertas em noventa grãos, fica para cima: o 1.º Vigilante terá o nivel: o 2.º Vigilante a regoa graduada: o Orador hum circulo: o Thesoureiro duas chaves em aspa: o Secretario duas pennas em aspa: o Mestre de Ceremonias hum triangulo: o Esperto huma espada: o Cubridor huma trolha, ou colher de pedreiro.

As insignias proprias do gráo de Aprendiz são: hum avental de pelle branca, sem mais

bordado, nem orelas, o qual deve estar posto com a abeta levantada para cima, e hum par de luvas de pelle branca.

A côr da decoração da sala he azul para as cortinas, panos de mesa, docel, e tudo o mais; os galões, e franjas dos paramentos, que tiverem este ornato, deve ser prata, ou ao menos fazenda de côr branca. E he hum abuso de alguns Veneraveis consentirem aos Mestres de Ceremonias usarem de outras côres no ornato das Lojas de Aprendiz. As luzes d'este gráo são tres, dispostas em triangulo sobre o altar, em castiçaes pequenos, ou em tocheiros grandes sobre o pavimento, guardando a mesma figura.

As duas columnas I e B se costumão pôr, ou immediatamente por detraz das cadeiras dos Vigilantes, ou aos lados.

O Ven. sentado no Throno, ao Oriente, e com a face para os dois Vig^{s} ∴ que devem estar ao Occidente, cada hum junto á sua columna, bate com o malhete sobre a mesa, e he da mesma sorte respondido pelos Vig^{s} ∴; depois diz:

Ven. Silencio, meus Irs. em Loja.

Ditas estas palavras, e repetidas pelos Vig^{s} ∴ todos os Irs. se arranjão em suas columnas, guardada a precedencia dos seus gráos. Diz então o

Ven. — *Irs.* 1.° e 2.° Vig^{s} ∴ convidai a todos os nossos charos Irs. em todos os seus gráos e qualidades para que me ajudem a abrir a Loja de Ap ∴ Maç.

Os Vig^{s} ∴ cada hum por sua vez repetem estas palavras aos de suas columnas, da parte do Ven. e feito o annuncio diz batendo com o macete.

O 2.° *Vig* ∴ — Está annunciado; isto mesmo, e da mesma forma diz o 1.° Vig ∴

Ven. — *Ir* ∴ 1.° Vig ∴ sois vós Maç ?

1.° *Vig.* — Todos os meus Ir.^{s} me reconhecem por tal.

Ven. — Qual he o primeiro dever de hum Maçāo ?

1.° *Vig.* — He vêr se a Loja está coberta interior, e exteriormente.

Ven. — Certificai-vos pelo Ir. 2.° Esperto.

Este Ir. sahe, examina, entra, e parti-

cipa ao 1.° Vig.·. que tambem o participa ao Ven.

Ven. — Qual he o vosso segundo dever?

1.° *Vig.* — He vêr se todos os Ir.^{s} estão em ordem.

Ven. — Certificai-vos pelo Ir. Me de Cer.·.

Este Ir. levanta-se, observa com hum golpe de vista se os Ir.^{s} todos estão com o signal da Ordem; participa ao 1.° Vig. e este ao Ven.

Ven. — Para que nos ajuntamos nós?

1.° *Vig.* — Para levantar Templos á virtude, e cavar masmorras aos vicios.

Ven. — Que tempo devemos nós trabalhar?

1.° *Vig.* — Desde o meio dia até meia noite.

Ven. — Que tempo he preciso para fazer hum Apr.·. Mação?

1.° *Vig.* — Tres annos.

Ven. — Que idade tendes vós?

1.° *Vig.* — Trez annos.

Ven. — Que horas são?

1.° *Vig.* — Quasi Meio dia.

Ven. — Em virtude pois da hora e da ida-

de, advertí á todos os nossos charos Ir.^{s} que nós vamos abrir a Loja de S. João, com o titulo distinctivo de — debaixo dos auspicios do Grande Oriente Brazileiro, no grao de Apr.∴ Maç.∴ e começar os nossos trabalhos com as formalidades do rito.

1.° *Vig.* — Meus Ir.^{s} da columna do Meio dia, eu vos advirto da parte do nosso Ven. que em virtude da hora e da idade, nós etc.

2.° *Vig.* — Meus Ir.^{s} da columna do Norte. &c.

Feitas estas participações, o 2.° Vig. bate hum golpe de malhete, e diz ao 1.° Vig.∴ — está annunciado; este bate, e diz tambem ao Ven. está annunciado. — O Ven. bate 3 golpes sobre a mesa — os quaes são repetidos pelo 1.° e pelo 2.° Vig.∴, levanta-se dizendo — á mim meus Ir.^{s} —, faz o signal de Apr.∴ acompanhado de todos os Ir.^{s} bate as palmas, como em Apr.∴ dá tres vivas, e diz: —

Ven. — Meus charos Ir.^{s} a Loja de Aprendiz está aberta: — e sentão-se.

CATHECISMO DE APRENDIZ.

Pergunta. Meu Irmão, donde vinde vós?

Resposta. Venerabilissimo da Loja de S. João. (1)

P. Que se faz na Loja de S. João?

R. Ellevão-se templos á virtude, e cavão-se masmorras para os vicios.

(1) Não sendo a Maç.·. outra cousa mais do que o emblema de toda a natureza, a sua moral huma homenagem, que se deva prestar ao Creador do Universo: he entre os Maç.·. esta homenagem a pratica das virtudes, e sobre tudo as da Religião. E como nos primeiros tempos do Christianismo não se fazião proselitos se não depois de baptizados, d'aqui vem o motivo da pergunta e resposta do Cathecismo, que annotamos. *Venho da Loja de S. João*, quer dizer, *fui purificado pelas aguas do Baptismo.* Ninguem ignora que foi S. João quem instituio este Sacramento; e he justo que a primeira pergunta sobre os deveres de huma Ordem tão Religiosa como a Maç.·., seja á respeito da primeira acção, que abre as portas do Christianismo ás Graças, que elle franquea aos homens, que o abração.

P. Que trazeis vós?

R. Saude, prosperidade, e bom acolhimento á todos os Irmãos.

P. Que vindes fazer aqui?

R. Vencer as minhas paixões, submetter a minha vontade, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Que entendeis vós por Maçoneria?

R. O estudo das sciencias, e pratica das virtudes. (1)

---

(1) Se cousultarmos as obras, que tratão dos antigos Misterios, perceberemos que o seu segredo era a doctrina dos Sabios, dos Philosophos da antiguidade, que abandonando ao povo ignorante e estupido a idolatria, á que tão afferrado se mostrava, reunião-se fóra das suas vistas para em segurança adorarem o verdadeiro Deos, Unico, Creador, e Conservador de todas as cousas.

A iniciação dividia-se em muitos gráos, ou epocas; o iniciado era instruido cautelosa e successivamente, porque temia-se atacar de hum só golpe todos os seus inveterados prejuizos. Era preciso ter sahido da idade das paixões, e ser instruido nas doutrinas em tempo marcado como intersticio, ou preparação aos segredos, que em cada gráo se lhes revelavão. Os estudos de hum Neophita duravão tres annos, e daqui vem o dizer-se que a idade de hum Apr.·. he tres annos; isto he, que empregou esse tempo em estu-

P. Que he hum Mação ?

R. He hum homem livre, fiel ás leis, o irmão e amigo dos Reis, e Pastores, quando elles são virtuosos (1).

P. Como poderei eu conhecer que sois Mação ?

R. Reconhecendo os meus signaes, toques, e palavras, e as circunstancias da minha recepção fielmente recitadas.

---

dar, e praticar virtudes, que o fizerão digno de ver a Luz da Maç.·.

(1) Os Pedreiros escolhidos por Salomão para trabalharem no Templo forão declarados livres, e izentos de todos os impostos, elles e seus descendentes, tiverão o privilegio de andar armados. He verdade que Nabucodonosor, tomando Jerusalem, destruio o Templo, e os Pedreiros forão levados em captiveiro com o povo Judeo. Porém depois Cyro, tomando Babilonia, os restabeleceo em todos os seus direitos. Fez mais; querendo recompensar a virtude de Zorobabel, permittio-lhe regressar á Santa Cidade com os Israelistas, para reedificar o Templo; e para assignalar a sua estima, jantou com elle antes da sua partida, e deu-lhe o osculo de paz, chamando-o seu Irmão, e seu Amigo.

Ha outros motivos pelos quaes os Maçõe com justiça se chamão livres; mas como pedem grande desenvolvimento, em outros lugares trataremos disso.

P. Quaes são os signaes de hum Maçon?

R. A Esquadria, o nivel, e o perpendicular.

P. Quaes são os toques?

R. Certas acções regulares, e determinadas, que os Maçons praticão entre si.

P. Quem vos procurou a vantagem de sereis vós Maçon?

R. Hum sabio amigo, que ao depois reconheci por meu irmão.

P. Porque procurasteis ser recebido Maçon?

R. Porque estava nas trevas, e desejava vêr a luz.

P. Que significa esta luz?

R. O conhecimento, e reunião de todas as virtudes, symbolo do Grande Architeto do Universo (1).

---

(1) A Luz tão chara aos Maç.·. tem por origem o fogo sagrado, que descera do Ceo sobre o Altar, no dia em que forão consagrados Aarão e seus filhos. Os Christãos começarão pondo tres luzes sobre os seus Altares, para simbolisarem a essencia trina do Creador; e depois encherão os Templos de luzes, para fazerem conhecer a immensidade do Ser supremo. O Christianismo, tomando esta maxima dos Judeos, pu-

P. Onde fosteis recebido Mação ?

R. Em huma Loja perfeita.

P. Que entendeis por loja perfeita ?

R. Entendo que tres Maçōes, congregados fazem huma Loja simples, cinco a formão justa, e sete a fazem perfeita.

P. Quaes são os tres Maçōes da Loja simples ?

R. Hum Veneravel, e dois Vigilantes.

P. Quaes são os cinco da justa ?

R. Os tres primeiros, e dois Mestres.

P. Quaes são os sete que fazem a Loja perfeita ?

R. Hum Veneravel; dois Vigilantes, dois Mestres, hum Companheiro, e hum Aprendiz.

P. Quem vos preparou para sereis recebido Mação ?

---

blicou por seus canticos sagrados, que adorava o Deos de Luz, e não o fogo. Os Magos dos antigos Persas conhecião hum Deos Supremo, Creador do Universo; mas ao mesmo tempo admittião dois principios eternos; o primeiro, autor do bem, que representavão pela Luz; o segundo, autor do mal, que representavão pelas trevas.

R. Venerabilissimo, hum Esperto.

P. Que exigio elle de vós?

R. Que o informasse da minha idade, das minhas qualidades civís, e do meu zelo em querer ser recebido. Depois me poz, nem nú, nem vestido, mas de maneira decente: tirou-me todos os metaes, e conduzio-me á porta da Loja; na qual bateu tres grandes pancadas.

P. Porque vos poz o Esperto, nem nú nem vestido?

R. Para me mostrar que o luxo, he hum vicio que só impõe ao vulgo; e que o homem, que deseja ser virtuoso, deve ser superior aos prejuisos.

P. Para que vos tirou os metaes?

R. Porque elles são o symbolo dos vicios, e hum bom Maçáo, não deve possuir em particular a propriedade de cousa alguma (1).

---

(1) Em muitas Lojas, e em muitos Cathecismos, em vez desta resposta simbolica, se diz: que durante a construcção do Templo de Salomão não se ouvia estrondo algum, e que para este effeito se despojavão dos metaes os seus trabalhadores. Não se deve entender tão restrictamente o que se diz da propriedade de cada

P. Que significão as tres pancadas do Esperto?

R. As tres palavras da Escriptura Santa: Batei, e se vos abrirá: Procurai, e achareis; Pedi, e recebereis.

P. Que produzirão essas pancadas?

R. A abertura da Loja.

P. Que fez de vós o Esperto quando se abrio a Loja?

R. Entregou-me nas mãos do segundo Vigilante.

P. Que percebestes vós entrando na Loja?

R. Nada que o espirito humano possa perceber: hum veo espesso me cobria os olhos.

P. Para que vos vendarão os olhos?

R. Para me fazer comprehender, quanto a ignorancia he prejudicial á felicidade dos homens.

P. Que fez de vós o 2.° Vigilante?

---

hum Mação, que della só possa gosar em communidade, que só pode existir na imaginação; mas essas palavras da Instrucção denotão, que os Mações desgraçados tem direito á beneficencia dos que podem soccorre-los; e que todos devem fugir dos fomentos de vicios empregando virtuosamente os seus haveres, e com preferencia á beneficio da Sociedade á que pertença.

R. Fez-me viajar tres vezes do Occidente para o Oriente, pelo caminho do Norte; e do Oriente para o Occidente pelo caminho do meio-dia: e depois entregou-me á disposição do 1.° Vigilante.

P. Para que vos fez viajar?

R. Para me fazer conhecer que jámais do primeiro passo se chega á virtude.

P. Que procuraveis no vosso caminho?

R. Procurava a luz, de que já dei a explicação.

P. E que fez de vós o primeiro Vigilante?

R. Tirou-me a venda dos olhos por ordem, que recebeo, fez-me pôr os pés em esquadria, e aproximar-me do Veneravel por tres grandes passos.

P. Que vistes quando vos desvendarão os olhos?

R. Todos os meus irmãos armados de espadas, cujas pontas me apresentavão.

P. E para que?

R. Para me mostrar que estarião sempre promptos para derramarem por meu respeito o seu sangue se eu fosse fiel ás obriga-

ções, que hia a contrahir: bem como para me punir, se eu fosse tão despresivel, que faltasse a ellas. (1)

P. Para que vos puzerão os pés em esquadria, e fizerão dar tres grandes passos?

R. Para me mostrar o caminho, que devem seguir, e o modo porque devem marchar os Aprendizes da nossa Ord.

P. Que significa esta marcha?

R. O zelo que devemos mostrar caminhando para quem nos illumina.

P. Que fez de vós o Veneravel?

R. Como estava certo dos meus sentimentos, depois de obter o consentimento da Loja, me recebeu Maçon, com todas as formalidades requeridas.

P. Quaes forão essas formalidades?

R. Eu tinha o çapato esquerdo achinellado, o joelho direito nú, a mão direita sobre o Evangelho, na esquerda tinha hum compasso meio aberto, apontado ao peito esquerdo que estava nú.

---

(1) Em alguns Cathecismos a resposta he outra, e vem á ser: — para separarem os profanos, que intentem devassar os nossos Misterios.

P. Que fazieis vós nesta postura ?

R. Contrahia a obrigação de guardar eternamente os segredos dos Maçõe, e da Maçoneria.

P. Lembra-vos essa obrigação ?

R. Sim, Venerabilissimo.

N. B. He costume de algumas Lojas, fazer repetir aqui a formula da obrigação; mas não he isto lei geralmente recebida, e depende da vontade dos Veneraveis; quando porém se recita a obrigação, devem todos estar de pé, e na postura, e signal gutural. Pelo que he necessario que todo o bom Mação a saiba de cór, bem como as palavras sagradas, as marchas, e os signaes, visto que são cousas que os Estatutos da Ordem prohibem que se imprimão.

P. Porque tinheis o joelho nú, e o çapato achinellado ?

R. Para aprender que o Mação deve ser humilde.

P. Para que vos puzerão o compasso sobre o peito esquerdo nú ?

R. Para me mostrar, que o coração de

hum Mação deve ser justo e sempre descuberto.

P. Que vos derão quando vos receberão Mação?

R. Hum signal, hum toque, e duas palavras.

P. Dai-me o signal?

R. (A resposta he fazer o signal).

P. Como chamaes a este signal?

R. Gutural.

P. Que significa?

R. Huma parte da minha obrigação; que devo preferir ter a minha garganta cortada antes, que revelar os segredos da Maçonaria aos profanos.

P. Dai o toque ao irmão 2.° Vigilante?

(Da-se o toque, e logo que o 2.° Vigilante o acha regular responde):

R. Está justo, Venerabilissimo.

P. Dizei-me a palavra sagrada dos Aprendizes?

R. Não posso repetir, se não soletrando. Dizei-me a primeira letra, que eu vos direi a segunda.

(Soletra-se na fórma do costume).

P. Que significa esta palavra?

R. Que a sabedoria está em Deos. Este he o nome da columna, que estava ao Septentrião junto a porta do Templo, onde se ajuntavão os Aprendizes.

P. Qual he a vossa palavra do passe?

R. (Repete-se) e continua: esta palavra, quer dizer possessão mundana: he o nome do filho de Lamec, primeiro que reduzio á Arte a fundição dos metaes.

P. Derão-vos mais alguma cousa quando vos receberão Mação?

R. Derão-me hum avental branco, e luvas de homem, e de mulher da mesma côr.

P. Que significa o avental?

R. He o symbolo do trabalho, a sua brancura, nos lembra a candura dos nossos costumes, e a igualdade que reinar deve entre nós.

P. Porque vos derão luvas brancas?

R. Para me ensinar que hum Mação, não deve nunca manchar as suas mãos na iniquidade.

P. Porque vos derão luvas de mulher?

R. Para me mostrar que todo o Mação,

deve amar e estimar a sua consorte; e que se não póde esquecer della hum só instante sem ser injusto.

P. Que vistes quando fostes recebido Maçāo ?

R. Tres grandes luzes, postas em esquadria : huma a Oriente, outra ao Ocidente, e outra ao meio-dia.

P. Porque não havia luz da parte do Norte ?

R. Porque o Sol allumia esta parte mui escaçamente.

P. Que significão estas tres luzes ?

R. O Sol, a Lua, e o Mestre da Loja.

P. Porque se faz com luzes esse symbolo ?

R. Porque o Sol allumia os trabalhadores durante o dia, a lua de noite, e o Veneravel na Loja em todo o tempo.

P. Aonde reside o Veneravel na Loja ?

R. Ao Oriente.

P. Porque ?

R. Ao exemplo do Sol, que apparece no Oriente para começar o dia, o Veneravel está no Oriente para abrir a Loja, ajudar os

trabalhadores com os seus conselhos, e illuminar os operarios com as suas luzes.

P. Aonde rezidem os Vigilantes?

R. Ao Ocidente.

P. Porque?

R. Como o Sol termina o dia no Occidente, os Vigilantes rezidem nessa parte, para fechar a Loja, despedir os obreiros contentes, e fazer bom acolhimento aos irmãos Visitadores.

P. Aonde vos collocarão depois da vossa recepção?

R. Ao Septentrião.

P. Porque?

R. Porque he a parte dos menos esclarecidos; e hum Aprendiz, que apenas tem recebido mui fraca luz, não está no estado de suportar maior claridade.

P. Em que trabalhão os Aprendizes?

R. Em desbastar a pedra bruta.

P. Aonde se paga aos Aprendizes?

R. Na columna J.

P. Quaes são os maiores deveres de hum Maçon?

R. Preencher as obrigações do estado, em que a Providencia o tem posto; fugir do vicio, e praticar a virtude.

MODO DE FECHAR A LOJA.

O Veneravel quando propõe á Loja a leitura do cathecismo póde tambem ajuntar que acabado elle se vai fechar a Loja: nesse caso acabado o cathecismo, passa logo á fazer as perguntas do encerramento da Loja. Mas não tendo feito essa declaração, antes de começar as perguntas obterá o consentimento da Loja; e depois pergunta.

P. Irmão 1.º Vigilante até que horas se trabalha em Loja?

R. Até a meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

P. Que idade tendes vós?

R. Tres annos.

O Veneravel. Em virtude da hora, e da idade, advertí á todos os nossos amados irmãos, tanto do lado do meio-dia, como do lado do Norte, que vamos á fechar a

Loja, e acabar os nossos trabalhos na fórma do costume.

O 1.° Vigilante annuncia o mesmo aos irmãos da sua columna do meio-dia. E o segundo Vigilante repete o mesmo na sua columna; e dá parte que está annunciado; e o mesmo faz o 1.° Vigilante.

O Veneravel bate 3 pancadas de Aprendiz, que são respondidas pelos Vig.·. e diz « A mim meus irmãos. Então batem os aplausos, e fazem as aclamações; fazendo antes o signal de Aprendiz. Feito isto o Veneravel diz » Meus irmãos a Loja está fechada.

O 1.° Vigilante. Meus irmãos a Loja está fechada. O 2.° Vigilante diz o mesmo.

DISCURSO NA RECEPÇÃO DE HUM PROFANO.

Se o merito de qualquer sociedade particular se deve calcular pelas vantagens, que della resultão á sociedade geral, qual não deve ser a excelencia da Maç.·., desta escola de sabedoria, e de virtude, destinada á engrandecer a esphera das idéas, á pulir e adoçar os costumes, e apertar os doces laços da concordia, e da fraternidade? Baseada sobre as relações, e os deveres do homem social, esta associação de homens sabios, livres, e virtuosos, incansaveis em promover o bem da humanidade por meio de seos conhecimentos, e pela pratica constante das virtudes, tem em todos os seculos dado exemplos de patriotismo aos seos Concidadãos, de Caridade aos ricos, de virtude ao homem piedoso, de descripção, e de prudencia ao mundo todo.

Para convencer-vos de taes verdades, seria necessario hum longo discurso, que fatigaria a vossa attenção, e talentos mais elevados, e superiores aos que possuo: mas, se todas as vantagens, que constituem o merito de huma sociedade, podem ser consideradas debaixo de tres pontos de vista — opiniões politicas — phylosophia — e moral —, limitar-me-hei a mostrar-vos em hum resumido quadro os principios que professa o Maç.·. sobre estas tres partes da ordem social; afim de que vós, conhecendo a sublimidade da ordem, á que acabais de ser iniciados, possais tambem conhecer as obrigações, que vos aguardão.

Os primeiros preceitos da Maç.·. o que ella prescreve mais constante, e severamente aos Maç.·. he huma devotação, hum afferro inalteravel á pessoa do Soberano, que prefere a vontade geral da Nação á sua propria vontade. Estes principios, de que a Maç.·. de todos os tempos se tem penetrado, são lembrados e recommendados em todas as festas da ordem; os primeiros votos formados nos transportes de huma alegria franca, e

amigavel, são dirigidos ao Imperador, á sua Augusta Familia, e á duração do seu reinado. Nos discursos, que neste sagrado recinto se dirigem aos iniciados, recommenda-se sempre a reunião á boa causa, diz-se-lhes que hum verdadeiro Maç.·., he hum homem tolerante, tranquillo, prudente, que deve amar o paiz, que o vio nascer, ou aquelle que tem adoptado por sua Patria, que deve vellar, quanto couber em suas forças, na boa ordem geral, e na segurança de todos; que todas as questões politicas e religiosas, todo o espirito de partido, tudo o que tende a perturbar a ordem, he contrario aos nossos principios, e a nossa instituição; que deve modificar seu caracter segundo as differentes necessidades; e adoptando hum cosmo politismo racionavel, dar em todas as occaziões exemplo de submissão ás leis, e adhesão ao systema do governo, sob cujo imperio a providencia o tiver collocado.

Estes principios que professamos, e que não cessamos de lembrar a todos os nossos Irmãos, devem sem duvida fazer reflectir na Sociedade vantagens preciosas, e uteis a hum

governo, que procura firmar-se, e de cuja conservação depende a nossa felicidade. Elles são o fruto de huma sãa politica, dessa sciencia, que ensina ao homem a conduzir-se com prudencia em qualquer circunstancia, que se possa achar, como Cidadão, como homem publico, ou como chefe de familia.

Passemos á Philosophia: eu não fallarei daquella que se define — sciencia que abraça toda a natureza, e que quer conhecer as suas causas e effeitos; — mas unicamente da que he necessaria ao homem para o guiar nas situações peniveis da vida.

O verdadeiro philosopho he aquelle, que sabe dominar as suas paixões, que não obra se não depois de reflectir, que marcha sempre precedido da toxa da razão: elle tem huma certa elevação de espirito, que o constitue superior aos prejuizos, sem com tudo censura-los abertamente; os acontecimentos tristes, e desastrosos são para elle huma prova da sua prudencia, e sabe supertar com coragem os golpes da adversidade. Todos os homens são iguaes a seos

olhos, se elles são honestos, e virtuosos. O philosopho, tal qual nós o consideramos aqui, he, na força da palavra, hum homem honesto, que nada obra sem consultar a razão, que nada faz com paixão, e que une a hum espirito de exactidão e de moderação os costumes e qualidades sociaes. Tal he pois a philosophia do Maç.·. Huma Loja pode ser considerada como huma grande familia, cujo Chefe não he mais, que o primeiro entre seos iguaes. Vencer suas paixões, olhar todos os homens como seos irmãos, conduzir-se pelas luzes da razão, fugir do vicio, praticar a virtude, não se deixar seduzir pelos favores da fortuna, nem abater-se nas desgraças: eis o que se ouve sem cessar em huma Loja, e que se repete a todos os Maç.·. indistinctamente, o que cada hum deve praticar na Sociedade, como hum testemunho dos bons principios da Instituição Maç.·. afim de a fazer gozar das vantagens, que della pode tirar.

Mas, se a nossa Instituição he util á Sociedade, se existem relações entre ellas, he sem duvida pela moral. A moral, meos Ir.·.

he a religião do mundo civilisado: ella tem mais ou menos imperio sobre os differentes povos, que governa; mas conserva ainda huma grande influencia, e faz todos os esforços para reprimir as invasões, que os ameação. Nenhuma Sociedade tem huma moral mais constante, e mais apurada, que a Maç.·.; ella parece ter esgotado as melhores fontes; e as suas regras, os deveres que ella se impõe, podem servir de lições em todas as condições da vida. Ella tem por base a honra e a decencia; sabe respeitar os contratos, sem o que as Sociedades não saberião manter-se.

A qualidade de Maç.·. traz comsigo a obrigação de ser bom filho, bom esposo, bom Páe, e bom amigo. Estes deveres reunidos são a essencia de huma boa moral. Nenhum individuo pode ser admittido a huma Loja, se não tiver bons costumes, e se não occupar na Sociedade hum estado, que o faça estimavel; e nenhum pode permanecer nella com a mais pequena nodoa, que possa manchar a sua reputação; elle, não só he excluido da Loja, de que he membro, mas ain-

da assignalado em todas as outras, como hum Maç.·. indigno de tão honroso nome.

A Maç.·. se exprime algumas vezes por emblemas, e figuras symbolicas; mas esta lingoagem he sempre a da moral, e da razão.

Com effeito, não ha figura alguma destas, que não encerre hum sentido moral: humas nos dizem, que todas as nossas acções devem ser reguladas pela equidade; que a união deve reinar entre nós; outras, que o homem deve vellar sobre si mesmo; para não ser surprehendido pelo vicio, que o cerca sem cessar; em fim, que a duração da ordem repouza sobre a pratica de todas as virtudes.

Taes maximas, huma doutrina tão santa, e tão conforme aos principios, que regulão a Sociedade, não podem de certo deixar de lhe ser vantajosas. O exemplo tem hum grande poder sobre o coração do homem; as impressões, que elle recebe, determinão ás mais das vezes suas inclinações, e influem sobre suas acções; por consequencia hum Maç.·. que frequenta as Lojas, e que se im-

bue em taes principios, deve ser na Sociedade hum Cidadão virtuoso, hum amigo fiel, hum parente generoso,

Podemos pois concluir, pelo que acabamos de expôr, que são incontestaveis as vantagens sociaes, que resultão da Instituição Maç.·.

Eis-aqui pois, meos Irmãos novamente iniciados, as doutrinas, que fazem a base da Nossa Augusta Ordem; nem he para que fiquem em theoria, que nós as expendemos em nossos discursos: a Maç.·. fora de certo huma Sociedade sem proveito ao bem geral da humanidade, se os seos Membros não caprixassem em praticar doutrinas tão santas. He talvez a esta circunstancia, que ella deve o haver triunfado da estragadora foice dos tempos, do cutelo das revoluções, e da corrupção das paixões inherentes a todas as obras do homem. Ao clarão da luz brilhante, que se descobrio aos vossos olhos depois das experiencias, em que destes sufficientes provas de honrados sentimentos, e firmeza de caracter, vós podeis conhecer as importantes verdades, que se vos ensinão em

nossos ritos, e symbolos. Em nenhum delles encontrareis menos, do que huma sensivel recommendação daquellas virtudes que devem adornar a vida de hum verdadeiro Maç.·. A rectidão em todas as nossas palavras e acções, simbolizadas pelo compasso e esquadria; a honra pela espada, em que prestastes o vosso juramento; e a doce fraternidade nos amplexos, e osculos, com que fostes reconhecidos, devem estar sempre presentes ao vosso espirito, para vos chamarem ao cumprimento destes importantes deveres, que tornão hum Maç.·. digno de ser respeitado entre os mesmos profanos, como hum Cidadão virtuoso e benemerito. Os vossos progressos na carreira das virtudes, em que entrastes por vossa iniciação, vos hirão descobrindo novas verdades, que por ora não se proporcionão a vossa idade Maçonica; mas posso desde já congratular-me com todos os Membros desta Respeitavel Loja, que a emulação vos fará grande no desempenho de vossas obrigações novamente contrahidas; e que o exemplo das nobres acções, que entre nós se praticão em honra

da Maç.·. e em beneficio da humanidade em geral, não será perdido em vós, que tão dignamente augmentais hoje o numero dos verdadeiros filhos da Luz, dos Respeitaveis Operarios deste Augusto Quadro. Permitta o Grande Architeto do Universo que por vós não falhem as nossas esperanças, ou se obscureça a nossa gloria, sempre pura, apezar das borrascas dos vicios, e erros do mundo. — Vivat, vivat, vivat.

Recitado na L.·. Com.·. e Artes pelo seu Orador

J. R. Monteiro.

LOJA DE MEZA.

DISPOSIÇÃO DESTA LOJA.

Como a Instrucção de Mesa faz parte dos Misterios da Ordem, esta Loja se deve fazer em lugar tão coberto como a salla das Recepções. Armar-se-ha huma Mesa em forma de ferradura, tão grande, quanto permitta o lugar, e que possa conter todos os convidados.

O Ven. occupa sempre o lugar no Oriente em meio da Mesa, tendo o Or.·. á sua direita. Os Vigilantes occupão os fins da Mesa ao Occidente; os Mestres sentão-se do lado do meio dia, cedendo os primeiros lugares aos Visitadores, que se apresentarem. Os Irmãos novamente iniciados devem sentar-se ao lado do Norte, começando do Orador; e os Comp. seguem-se a estes até o fim da columna em que está o 2.° Vig. O Irm. Embaixador senta-se dentro da ferra-

dura de face ao Ven.; a sua unica funcção he agradecer á saude dos Principes.

Tudo o que constitue o serviço da Mesa, deve formar 3 linhas parallelas; isto he, os pratos de guardanapo formão a primeira, por fóra, cada hum em frente de hum Irmão, que tambem pela parte de fóra se assenta, (á excepção do Embaixador, como ha pouco se disse). As botelhas e cópos formão a segunda; os pratos com comidas, e as luzes, a terceira.

Convem saber que nesta Loja tudo o que serve na mesa tem nome differente. Os cópos chamão-se *canhões*; as botelhas *barricas*; o vinho tinto *polvora vermelha*; o branco *polvora forte*; a agua *polvora branca*; o pão *pedra bruta*; as luzes *estrellas*; os pratos *telhas*; as facas *cutellos*; o sal *arêa*; as comidas *materiaes*; os garfos *espeques*; as colheres *trolhas*; *etc. etc.*

ABERTURA DA LOJA DE MESA.

Estando tudo disposto, como se disse, o Ven. levanta-se, e com elles todos os Ir.·. bate tres golpes de Aprendiz sobre a Mesa; os Vig. fazem outro tanto, e depois diz:

Ven. Irms. 1.° 2.° Vig.·. convidai a todos os nossos charos Irms., tanto da columna do Meio dia, como da do Norte, para que nos ajudem á abrir a Loja de Apr.·. Maç.·. e a de Instrucção de Mesa.

1.° *Vig.*·. — Irms. que decorais a columna do Meio dia, eu vos convido da parte do nosso Ven., para que queirais ajudar á abrir a Loja de Apr.·. Maç.·. e a de Instrucção de Mesa.

2.° *Vig.*·. — Irms. que decorais a columna do Norte etc. Depois disto o 2.° Vig. bate huma pancada, e diz ao 1.° Está annunciado. O 1.° Vig. bate, e diz o mesmo ao Ven. Este bate, e diz;

Ven. — Irm. 1.° Vig. sois vós Maç ?

R. — Todos os meus Irms. me reconhecem por tal.

Ven. — Qual he o primeiro dever de hum Maç ?

R. — Vêr se a Loja está coberta.

Ven. — Assegurai-vos.

(O 1.° Vig. observa se o Esp.·. está junto da porta, e está fechada como he costume, e então diz).

R. — Está coberta, Venerabilissimo.

Ven. — Qual he o segundo dever de hum Mação Vig.·. em Loja ?

R. Vêr se todos os Maç.·. estão em ordem. (Observa, e achando que estão, assegura isso ao Ven.·.)

Ven. — Para que nos ajuntamos nós ?

R. — Para levantar Templos á virtude, e cavar masmorras ao vicio.

Ven. — Que tempo devemos trabalhar ?

R. — Desde o meio dia até a meia noite.

Ven. — Que tempo he preciso para fazer hum Apr.·. Mação ?

R. — Tres annos.

Ven. — Que idade tendes vós ?

R. — Tres annos.

Ven. — Que horas são?

R. — Quasi meio dia.

Ven. — Em virtude da hora e da idade, advertí á todos os nossos Irms., que a Loja de Apr.·. e de Instrucção de Mesa está aberta, e que nós vamos começar os nossos trabalhos na forma do costume.

Os *Vigs.*·., cada hum em sua columna, fazem este aviso, repetindo as palavras do Ven., e com as alterações usuaes. Feito isto bate sobre a Mesa o 2.° Vig.·. dizendo ao 1.°: — está annunciado; este faz o mesmo para com o Ven.

Ven. — A' mim meus Irs.

Faz o signal de Apr.·. com toda a Loja, fazem-se as acclamações e aplausos deste gráo; sentão-se todos; e o Ven. manda começar o Trabalho, isto he, fazer uso dos materiaes.

Devem todos estar muito attentos aos golpes do macete, tanto do Ven. como dos Vigs.·. e suspender todo o trabalho para se ouvir qualquer proposta que elles fazem. Prohibem-se até com multas conversas alheias

da Maçoneria, e questões que possão perturbar a ordem necessaria. O Ven. deve vellar muito em que os Irms. estejão circunspectos, e não abusem do prazer da mesa, fazendo chamar á ordem o que della se apartar.

Ninguem póde fazer uso dos canhões, sem que o Ven. tenha proposto as tres primeiras saudes de obrigação.

1.ª do Imperador e sua Familia.

He agradecida e respondida por hum Irm. Respeitavel, que tenha sido nomeado para Embaixador; elle a ouve de pé entre o 1.º e 2.º Vigs.·. tendo a espada na mão, e o guardanapo sobre o braço, que são as maiores honras, com que se fazem as saudes.

2.ª do Grão-Mestre da Ordem.

3.ª do Ven. da Loja.

Seguem-se depois 4.ª a do 1.º Vig.·. 5.ª a do 2.º Vig.·. 6.ª a dos Irms. novamente recebidos; e 7.ª a dos Visitantes.

Todas as outras são arbitrarias, e sentados os Irms., excepto alguma extraordinaria, que ou o Ven.·. ou a Loja proponha fazer-se de pé e com as honras do estilo.

Modo de se fazerem as saudes.

PRIMEIRA SAUDE DE OBRIGAÇÃO.

O Veneravel bate e diz; e os Vigilantes respondem batendo cada hum na sua columna.

Veneravel. Irmãos Primeiro e Segundo Vigilante, fazei alinhar, e carregar as armas, para a primeira saude de obrigação, interessantissima á Ordem.

Primeiro Vigilante. Meus Irmãos sobre a minha columna, em todos os vossos gráos e qualidades, (aqui os enumera segundo a regra estabelecida na abertura da Loja de Aprendiz) alinhai, e carregai as vossas armas para a primeira saude de obrigação, interessantissima a nossa Ordem, e que o Veneravel vai propôr.

2.° Vigilante. Meus Irmãos &c.

Depois que o 2.° Vigilante acaba de fallar toda a assembléa carrega os canhões, com polvara fina ou forte, mais, ou menos car-

ga, segundo cada hum lhe parece (porque isto he livre, com tanto que carregue); e quando tudo está carregado o Veneravel propõem a saude nesta fórma.

Veneravel. Irmãos 1.° e 2.° Vigilante, estão os canhões carregados e alinhados?

1.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

2.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

Logo que os Vigilantes respondem, o Veneravel bate, e se levanta, e toda a assembléa se põem logo de pé, e se põem em ordem.

Veneravel. Irmãos 1.° e 2.° Vigilante, annunciai a todos os nossos amados Irmãos, em todos os seus gráos e qualidades, que a saude que tenho o prazer de lhes propor he a do nosso Illustre Monarcha gloriosamente reynante, por cuja conservação não devemos cessar de fazer votos, assim como pela prosperidade do Estado. A' esta saude ajuntaremos a da Familia Imperial, e de tudo quanto tem a felicidade de lhe pertencer. He a tão estimaveis saudes que he preciso atirar estes canhonaços de polvora vermelha com zelo e amizade respeitoza, fazendo fogo, bem fogo, e perfeito fogo.

1.° Vigilante. Meus Irmãos sobre a minha columna (repete os gráos e qualidades) a saude, proposta pelo Veneravel, he a do Imperador nosso illustre Monarcha, por cuja conservação não devemos cessár de fazer votos, assim como pela prosperidade do Estado. O Venerável unio a esta saude a da Familia Imperial, e de tudo quanto tem a felicidade de lhe pertencer. He para fazer estas saudes com todas as distincções da franca e real Maçoneria, que o Veneravel vos roga de atirar estes canhonaços de polvora vermelha, fazendo fogo, bom fogo, e perfeito fogo.

2.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

E logo que acaba diz: Veneravel, está annunciado.

1.° Vigilante. Veneravel, está annunciado.

O Veneravel então manda (Vóz)

1. Mão direita ás armas. (Põem-se a mão no copo.)

2. Armas á frente. (Leva-se o canhão á altura do peito.)

3. Apontar. (Leva se o canhão a boca.)

4. Fogo, gram fogo, perfeito fogo. (Então

se bebe huma vez ou tres, seguindo o exemplo do Veneravel.)

Tendo os Irmãos todos consumido a sua polvora, o Veneravel diz: (Voz) armas á frente.

Imitão-se as acções do Veneravel levando o cópo ao lugar da segunda vóz; isto he, defronte do peito; leva-se depois ao peito esquerdo e dahi ao direito; e torna o cópo ao lugar da segunda vóz; de maneira que este movimento descreve hum triangulo. Feito este exercicio tres vezes descança-se o cópo sobre a meza em tres tempos; isto he, no primeiro poem-se, o cópo hum tanto horizontal, á esquerda; no segundo traz-se á direita por huma linha recta paralella á borda da meza; no terceiro bate-se com o pé do cópo. Logo batem-se os applausos com as mãos, e dão-se as acclamações, gritando tres vezes — vivat —

N. B. Todo este exercicio deve ser feito com tal exactidão e habilidade, que toda a assembléa produza os mesmos movimentos, em hum tempo, e todas as pancadas pareção huma só.

FUNÇÃO DO EMBAIXADOR.

Logo que o Irmão Embaixador ouve propor a saude do Monarcha, deve levantar-se, desembainhar a espada, e te-la na mão; e descer ao Occidente entre os dois Vigilantes, em a qual posição se conserva, até que toda a assembléa se torne a assentar: então pega no seu canhão, que lhe apresenta hum Irmão servente, e agradece a saude do Monarcha, nestes ou semelhantes termos.

Veneravel Mestre, tão digno do lugar, a que vos vejo elevado; Irmão primeiro e segundo Vigilantes: Irmãos Dignatarios; Roza-Cruzes; Vigilantes (se os ha presentes) Mestres e Irmãos novamente iniciados: Meus Irmãos. O Imperador meu amo sensivel aos cuidados ordinarios, que vos tendes de fazer a sua saude, se servio encarregar-me de vos certificar do seu justo reconhecimento; por

tanto não podendo eu melhor preencher este dever para com vosco, e mestrar-vos tãobem os meus sentimentos a vosso respeito, do que usando das armas dos Maçons, vou atirar este canhonaço de polvora vermelha a vossa gloria, e fazer bom fogo, gram fogo, e perfeito fogo.

Então bebe o Embaixãdor observando tãobem as formalidades acima referidas, e vai tomar o seu lugar.

O Veneravel diz. « Meus Irmãos cubramos estes agradecimentos. »

O Veneravel e toda a Loja torna a bater os applausos, e acclama, tres vezes—Vivat.—

TERCEIRA SAUDE DE OBRIGAÇÃO.

O Primeiro Vigilante bate, o Segundo responde do mesmo modo, e por ultimo bate o Veneravel e diz:

Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes que quereis vós?

1.° Vigilante. Venerabilissimo, o Irmão Orador, o Irmão 2.° Vigilante, e eu, vos pedimos licença para carregar as armas e alinhar, á fim de fazer huma saude, que nos he estimavel, e que dezejamos propôr.

Veneravel. Meus Irmãos em todos os vossos gráos e qualidades (enumera as que ha na Loja) carregai e alinhai as vossas armas para huma saude, que os amados Irmãos Orador, e Vigilantes vos querem propôr.

(Todas os Irmãos e até o Veneravel carregão os canhoens.)

Veneravel. Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes estão os canhoens todos carregados e alinhados?

1.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

2.° Vigilante. Sim, Venerabilissimo.

Veneravel. O Oriente se une aos vossos dezejos: qual he a saude que tendes a propôr?

Primeiro Vigilante. He a vossa, Venerabilissimo. Meus Irmãos sobre a minha columna, em todos os vossos gráos e qualidades (enumerará as que houver na Loja), a saude que o Irmão Orador, Segundo Vigilante, e eu, temos o gosto de vos propôr, he a do nosso Veneravel Mestre presente, e de tudo quanto tem a felicidade de lhe pertencer. He para tão estimavel saude que nos devemos reunir á fim de atirar estes canhonaços de polvora tinta com as distincções da illustre, franca, e real Maçoneria, e por tres vezes fazer bom fogo, grande fogo, e perfeito fogo.

2.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

Orador. Meus Irmãos etc.

Depois que o Orador acaba de annunciar a saude, o primeiro Vigilante dá a vóz de commando na fórma acima explicada. Bebe toda a assembléa, (menos o Veneravel) fazendo os tres fogos, applaude e acclama. O

Veneneravel, que tem já o seu canhão carregado, agradece então a saude, faz o fogo, e applaude; e quando elle acaba o 1.° Vigilante diz:

A' mim meus Irmãos, cubramos estes agradecimentos.

Então toda a assembléa (excepto o Veneravel) repete os applausos, e conclue com as acclamaçoens.

SEXTA SAUDE DE OBRIGAÇÃO.

Como a sexta saude de obrigação he a dos Aprendizes novamente recebidos, será conveniente lembrar aqui huma formula de agradecimento que se lhes possa ensinar.

Feita e applaudida pela Loja a saude dos Aprendizes, o mais antigo de entre elles pede a palavra na fórma do costume, e logo que se lha concede, diz:

Veneravel Mestre que ornais tão bem o Oriente, Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, e vós meus Irmãos, tanto do lado do Meio-dia, como do lado do Norte, em todos os vossos gráos e qualidades (aqui especifica as que houver na Loja.) Meus Irmãos, ninguem he mais sensivel, que os Irmãos Aprendizes meus companheiros, e eu, que tenho a felicidade de estar encorporado com elles, ás provas de estimação e amizade, que vós nos acabais de mostrar bebendo á nossa

saude. E para vos testemunhar o nosso vivo reconhecimento, vamos, em acto de agradecimento, atirar este canhonaço de polvora vermelha á vossa gloria, e pelos numeros conhecidos dos felizes mortaes discipulos da verdadeira luz.

Estas palavras devem ser repetidas por mais dous Aprendizes, hum depois de outro, e tendo os tres acabado, todos os deste gráo fazem o fogo juntos, observando as mesmas formalidades acima ditas.

A Ordem requer que sejão sempre tres os que proponhão, e tres os que agradeção alguma saude; e por isso quando ha hum só Irmão daquelle gráo ou qualidade, a quem se quer fazer a saude, une-se esta com a saude de algum gráo superior: porém se forem dois já se póde fazer: porque o Orador he obrigado a suprir o terceiro lugar. Esta regra he geral, e só tem excepção na saude dos Principes e do Veneravel.

FORMULA DE AGRADECIMENTO DE QUE PODE UZAR QUALQUER IRMÃO PRESENTE, A QUEM A LOJA FAZ HUMA SAUDE.

Venerabilissimo Mestre, Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, Irmão Orador, e mais Irmãos Dignitarios, Venerabilissimo Grande Mestre, Cavalleiros Roza-Cruzes, que tão bem decoraes o Oriente, Irmãos Vizitantes, Mestres de todos os gráos, e qualidades, Companheiros, e Aprendizes, tanto do lado do Meio-dia como do lado do Norte. (Aqui se omittiráõ aquellas dignidades e qualidades que não houver na Loja.) Ninguem será mais sensivel do que eu aos signaes de estimação e amizade, que vos dignasteis mostrar-me fazendo fogo á minha saude; e para testemunhar o meu vivo reconhecimento, vou atirar este canhonaço com polvora vermelha fazendo bom fogo, grande fogo e perfeito fogo.

CONCLUSÃO DO BANQUETE.

Acabadas todas as saudes de obrigação, e saudes particulares, e havendo-se cantado alguns dos canticos, feitos em louvor da Ordem, o Veneravel propoem a ultima saude para fechar a Loja nesta fórma.

Veneravel. Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, fazei carregar e alinhar as armas para a ultima saude de obrigação da Ordem.

1.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

2.° Vigilante. Meus Irmãos etc.

Logo que a assembléa tem obedecido, os Vigilantes o participão nesta fórma.

2.° Vigilante. Veneravel as armas estão carregadas e alinhadas da parte do Norte.

1.° Vigilante. Veneravel as armas estão carregadas e alinhadas da parte do Meio-dia.

O Veneravel bate, levanta-se, e toda a assembléa se poem de pé: cruzão-se os braços, e se dão reciprocamente a mão direi-

ta, com a esquerda, formando huma cadêa de todos os Irmãos, sem exceptuar os Irmãos serventes, em memoria da igualdade Maçonica.

Neste estado o Veneravel entôa o Cantico do encerramento, á que respondem em *Chorus*; e chegando ao versiculo da saude, os Irmãos todos fazem fogo, com as formalidades do costume, á saude de todos os Maçons, espalhados sobre a superficie da terra: acabado o fogo, e cruzados outra vez os braços continúa o cantico, e elle findo, o Veneravel fecha a Loja com as tres perguntas seguintes.

Veneravel. Irmãos Primeiro e Segundo Vigilantes, estão os Irmãos em Ordem?

R. Elles estão, Venerabilissimo.

Veneravel. Que horas são?

R. Meia noite.

Veneravel. Que idade tendes vós?

R. Tres annos.

Veneravel. Em virtude da hora e da idade, adverti á todos os nossos amados Irmãos, tanto, do lado do Meio-dia, como do lado do Norte, que a Loja de Aprendiz Maçon, e a de instrucção de meza, estão fechadas, e que nós

vamos terminar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° Vigilante. Meus Irmãos &c.

2.° Vigilante. Meus Irmãos &c.

1.° Vigilante. Está annunciado.

2.° Vigilante. Está annunciado.

Veneravel. A mim meus Irmãos.

Faz-se o signal, batem-se os applausos, e gritão-se as acclamações, e se annuncia a Loja fechada.

HYMNO

Composto por M. J. da Silva e Alvarenga, *Orador da Loja* Reunião, *e cantado em hum dos seus Banquetes.*

He feliz quem pranto enchuga,
Que de magoa vio correr;
Quanto he grato, quanto he doce,
Quanto he justo este prazer!
Quem domou cruel fortuna
Tem mais gloria no vencer;
São divinos seus esfórços,
Mais que humano o seu prazer.
Quanto he grato, quanto he doce
Quanto he justo este prazer!
Consolar a hum desgraçado
No seu triste padecer,
He honrando a humanidade
Conseguir hum novo ser.
Quanto he grato, quanto he doce.
Quanto he justo este prazer!
Brandos olhos, que agradecem
Fazem a alma estremecer;
Oh que nobres sentimentos
N'hum e n'outro vão nascer!
Quanto he grato, quanto he doce,
Quanto he justo este prazer!
Misantropo endurecido,
Que só sabe aborrecer,
Não provou celeste Nectar
Que a virtude faz beber.
Quanto he grato, quanto he doce,
Quanto he justo este prazer!

HYMNO

Do mesmo Autor.

Quer no monte quer no prado,
Cresce a herva, arbusto, e flor;
Cresça em nós por toda a parte
União, e paz, e amor.
Natural ou peregrino,
Derrotado ou vencedor,
Todos une hum laço estreito
De amisade superior.
Cresça em nós por toda a parte
União, e paz, e amor.
Longe miseros profanos
Se atropellem com furor,
Que não podem ver seus olhos
Desusado resplendor.
Cresça em nós por toda a parte
União, e paz, e amor.

NA TYP. DOS IRM.os SEIGNOT PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.
1833.

OBRAS DE MAÇONARIA A VENDER EM CASA DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª

Annaes Maçonicos Fluminenses; 1.º vol. 1$000 rs.

Historia geral da Franc-Maçonaria, desde o seu estabelecimento até aos nossos dias, seguida de alguns Discursos sobre diversas materias Maçonicas; Por J F. Verhnes. 1 vol. 1$000 rs.

Regulamentos particulares, baseados sobre as Constituições geraes da ordem Maçonica, seguidos do Diccionario dos termos Maçonicos. 1 vol. 2$000 rs.

Senda Maçonica, ou Conductor das Lojas regulares, segundo o rito francez reformado. 1 vol. 2$000 rs.

Achão se no prélo, para sahir brevemente.

Collecção de Cathecismos de todos os sete gráos da moderna Maçonaria Franceza.

O Cobridor (tuileur) *de todos os ritos Maçonicos*, ou manual da Maçonaria Franceza, Escosseza, de adopção, etc. 2 vol. ornados de 24 estampas.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catheciſmo e Regulamento Geral do Grão de Companheiro,

SEGUNDO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1833.

Instrucções Maçonicas.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Cathecismo e Regulamento Geral do Grão de Companheiro,

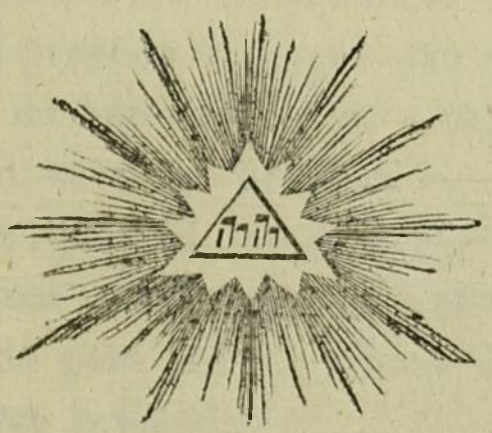
SEGUNDO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.



RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1853.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS.

ABERTURA DA LOJA.

Como o gráo de Companheiro não he se não huma disposicão para receber o gráo de Mestre, tem esta Loja mui pouca differença da Loja de Aprendiz; e os Officiaes Dignitarios são justamente os mesmos com semelhantes titulos, e tratamentos.

As insignas proprias deste gráo são as mesmas que as de Aprendiz, com a differença que o avental deve ter huma orla, ou debrum bordado, pintado, ou de qualquer maneira feita; mas sempre feito de côr azul: a abeta cahida para baixo, e hum dos angulos inferiores suspendido.

A decoração da salla deve ser a da Loja de Aprendiz, com a differença que o throno pode ser decorado com ouro; mas ainda que o seja, todo o mais ornato será azul.

A sanefa do docel deve ser muito larga, e recortada; e debaixo do docel na parte mais inferior do espaldar, a letra G, dentro em hum triangulo, cercado de raios brilhantes e luzidos como hum resplendor illuminado. As luzes que chamão do gráo, são seis, e devem estar, ou sobre o altar do Veneravel, ou dispostas com a mesma ordem, mas em grandes castiçaes, e em maiores distancias no pavimento da assembléa, entre as duas allas de membros da Loja. O pavimento será cuberto com alguma alcatifa enxadresada, ou de varios embutidos; e defronte das columnas haverá de huma parte hum cubo, ou piramide de pedra; e da outra parte huma grande pedra tosca sem algum lavor. Haverá mais preparado para a cerimonia da recepção huma pedra de riscar em lugar conveniente á decoração da sala.

A abertura da Loja he a seguinte:

Estando tudo disposto para dar este gráo, o Veneravel bate as pancadas de Companheiro, os Vigilantes lhe respondem do mesmo modo, e o Veneravel diz:

Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes convidai a todos os nossos amados irmãos, tanto do lado do meio dia, como do lado do Norte, em todos os seus gráos e qualidades, para que nos ajudem á abrir a Loja de Companheiro Maçāo.

1.° Vigilante.—Venerabilissimo G. Mestre, Respeitaveis Cavalleiros Roza-Cruzes, que tão dignamente ornaes o Oriente. Irmãos Vizitantes, Mestres, e todos os mais irmãos em todos os seus gráos e qualidades, que formaes a minha columna do lado do meio dia (aqui omitta os gráos e qualidados que não houver na Loja;) eu vos convido da parte do nosso Veneravel para que nos ajudeis á abrir a Loja de Companheiro Maçāo.

2.° Vigilante.—Meus Irmãos etc. (e continua logo) Venerabilissimo está annunciado.

O *Veneravel pergunta.* Irmão 1.° Vigilante; donde vindes vós?

R. Venho de trabalhar no Temp.·. em qualidade de Companheiro.

P. Que vindes fazer aqui?

R. Receber as vossas ordens, e aproveitar-me das vossas luzes.

P. Que deveis observar na qualidade de Companheiro ?

R. Se todos os Irmãos estão em ordem. (O Vigilante observa, e informa o Veneravel se estão ou não em ordem).

P. Para que nos ajuntamos nós ?

R. Para nos instruir na Arte Real, entregando-nos ao estudo das Sciencias, que ella exige.

P. Que horas são ?

R. Meio dia.

P. Que idade tendes vós ?

R. Tres annos.

Veneravel. Em virtude da hora, e da idade, advertì á todos os nossos Irmãos que a Loja de Companheiro está aberta, e nós vamos começar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° Vigilante. — Meus Irmãos etc.

2.° Vigilante. — Meus Irmãos etc. (e conclue) Venerabilissimo está annunciado.

1.° Vigilante. — Venerabilissimo está annunciado.

Então o Veneravel com toda a assembléa faz o signal de Companheiro, bate os aplau-

zos, e aclamações do gráo, e annuncia a Loja aberta.

Havendo Aspirantes segue-se immediatamente as recepções; e se as não ha passa-se logo ao Cathecismo.

RECEPÇÃO.

Aqui somente se faz menção de algumas circunstancias essenciaes na collação do gráo do Companheiro, e que merecem particular lembrança; por que das outras estarão bem instruidos todos os Mações, que passárão por este gráo.

O Aspirante será preparado na Camara de horror pelos Expertos; estará com os cabellos soltos, huma varinha na mão direita, que descança no hombro; e com a mão esquerda tapará o olho esquerdo.

Precederáõ ao Aspirante tres companheiros, hum com a grande esquadria, outro com o grande nivel; outro com o prumo; mas logo que entrarem na Loja com o Aspirante, entregaráõ as tres joias á tres Mestres, que estaráõ promptos para as receber, e que durante todo o ceremonial, conduziráõ a diante do Aspirante.

O Mestre de Cerimonias, ou o proponente do Aspirante o acompanha ao lado esquerdo para lhe sugerir as respostas, que deve dar: e os Expertos o seguirão logo atras para o fazer executar o que o Veneravel ordenar.

Quanto ao mais que ha á fazer, os Veneraveis não podem ter melhor guia para se regularem, no breve ceremonial que se pratica neste gráo, do que o mesmo cathecismo; o qual lido com reflexão, tira todas as duvidas, que poderão occorrer nesta materia.

CATHECISMO DE COMPANHEIRO

Pergunta. Meu Irmão, que motivo vos trouxe á este lugar?

Resposta. Venerabilissimo, venho á assembléa dos Companheiros para receber as vossas ordens, e aproveitar-me das vossas luzes.

P. Como chegastes á este gráo?

R. Pelo zelo, trabalho, e prudencia.

P. Que vos ensinárão quando vos receberão Companheiro?

R. A significação da letra G.

P. Que significa esta letra?

R. Geometria: a quinta Sciencia em ordem, e a mais util á hum Mação.

P. Aonde fostes recebido Companheiro?

R. Em huma Loja perfeita.

P. Quem são os Maçõcs que compõe a Loja perfeita?

R. Seis, designados pelas seis luzes; e são hum Veneravel Mestre, dois Vigilantes, dois Mestres, e hum Companheiro.

P. Como vos receberão?

R. Fazendo-me subir os sete degráos do Templo.

P. Que vos derão depois de vos terem recebido!

R. Hum signal, hum toque, e huma palavra.

P. Dai-me o signal?

R. (Responde-se fazendo o signal).

P. Como chamaes a este signal?

R. Peitoral.

P. Que significa?

R. Que eu guardo os segredos dos Framações no coração, e que preferiria, que me arrancassem o peito antes, do que revelar estes segredos aos profanos.

P. Dai o toque ao irmão segundo Vigilante?

(Obedece-se; e se está conforme, o segundo Vigilante responde ao Veneravel). Está justo, Venerabilissimo.

P. Dai-me a palavra sagrada.

R. (Repete-se como se aprendeo).

P. Que significa esta palavra ?

R. Que a força está em Deos , he este o nome da columna que estava ao meio dia, junto a porta do Templo , e aonde se ajuntavão os Companheiros .·.

P. Tendes vós trabalhado depois que sois Companheiro ?

R. Sim, Venerabilissimo; trabalhei no Templo de Salamão.

P. Por qual porta entrastes vós no Templo ?

R. Pela porta do Occidente.

P. Que observasteis vós junto a essa porta?

R. Duas grandes columnas.

P. De que materia erão feitas ?

R. De bronze.

P. Que altura tinhão?

R. Desoito covados.

P. Qual era a circumferencia destas columnas ?

R. Doze covados.

P. Que grossura tinha o bronze ?

R. Quatro dedos.

P. Que ornato tinhão as columnas ?

R. Capiteis.

P. Que sustinhão essas columnas?

R. Dois globos de figura esferica, cheios de grãos de romãs.

P. Quantos havia?

R. Cem, e mais.

P. Porque dizeis vós cem e mais?

R. Para designar que os bons Mações devem ser innumeraveis.

P. Que uso tinha o interior destas columnas?

R. Nellas se encerravão os instrumentos da Geometria, e o thesouro para pagar aos trabalhadores.

P. A quem era dedicada a Loja onde fostes recebido?

R. A' S. João Baptista.

P. Porque?

R. Porque no tempo das guerras da Palestina, os Cavalleiros que erão Mações, se reunirão aos Cavalheiros de S. João de Jerusalem para combaterem os infieis: e como esses outros Cavalleiros tinhão por patrono a S. João, e se havião submettido á sua protecção, á elle derão as graças, quan-

do voltarão da guerra; e convierão com os Mações que dali em diante, todas as Lojas se intitullassem assim.

P. Em que parte está situada a vossa Loja?

R. Ao Oriente no valle de Josaphat, em lugar aonde reina a verdade, a paz, e a união.

P. Que figura tem?

R. Hum quadrado oblongo.

P. Que comprimento tem?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. Qual he a sua largura?

R. Do meio dia ao Septentrião.

P. Sua altura?

R. Innumeraveis covados.

P. Sua profundidade?

R. Desde a superficie da terra, até ao centro.

P. De que está cuberta?

R. De hum docel celeste, ornado de estrellas.

P. Que he que sustenta tão vasto edificio?

R. Dois grandes pilares.

P. Como se chamão?

R. Sabedoria, e força.

P. Explicai-me este emblema?

R. Sabedoria para inventar, força para sustentar.

P. Tendes vós ornamentos na vossa Loja?

R. Sim Venerabilissimo; em numero de tres; que são o pavimento mozaico, a çanefa recortada, e a estrella flamigera.

P. Que representão esses ornatos?

R. O pavimento mozaico, representa a solleira e liminar do grande portico do Templo; a çanefa recortada, os ornamentos exteriores; e a estrella flamigera, o centro donde parte a verdadeira luz.

P. Encerrão estes ornatos alguma moralidade?

R. Sim, Venerabilissimo, o pavimento mozaico, formado de differentes pedras, unidas por argamassa, designa a união intima que reina entre os Mações ligados pela virtude; a çanefa recortada, he o emblema do ornato exterior de huma Loja, que vem á ser a regularidade do comportamento dos Irmãos, que a compõe; a estrella flamigera, he o symbolo do Sol do Universo.

P. Tendes vós na vossa Loja algumas joias?

R. Sim, Venerabilissimo; seis em numero; tres das quaes são moveis, e tres immoveis.

P. Quaes são as tres moveis?

R. A esquadria, o nivel, e o prumo.

P. Porque as chamaes moveis?

R. Porque passão de hum irmão á outro.

P. Que uso tem?

R. A esquadria serve para formar quadrados perfeitos; o nivel para igualar as superficies; e o prumo para elevar edificios direitos sobre as suas bases.

P. Quaes são as tres joias immoveis?

R. A pedra bruta; a pedra cubica, ou de amolar; e a pedra de riscar dos Mestres, para desenhar nella as obras que pertendem executar.

P. Estas designão tambem significações symbolicas?

R. Sim, Venerabilissimo: a esquadria nos annuncia que todas as nossas acções devem ser reguladas segundo a equidade; o nivel, que todos os homens são iguaes, e que entre elles deve reinar huma perfeita união de Irmãos: o prumo designa a rectidão das inten-

ções da nossa ordem, e a sua estabilidade, por ser elevada sobre a virtude. A pedra bruta aonde trabalhão os Aprendizes, he o emblema da nossa alma suceptivel de boas, ou más impressões; a pedra cubica que serve aos Companheiros para amolar a sua ferramenta, nos traz á memoria que só vigiando constantemente sobre nós mesmos, nos podemos livrar dos vicios; a pedra de riscar dos Mestres, he o bom exemplo, que nos facilita a pratica das mais eminentes virtudes.

P. Quantas qualidades ha de Mações, ou Pedreiros?

R. Duas. Mações, ou Pedreiros de theoria, e Pedreiros de prática.

P. Quaes são os Mações de theoria?

R. São os da nossa ordem, que elevão Templos á virtude, e cavão masmorras aos vicios.

P. Quaes são os Mações, ou Pedreiros de pratica?

R. São os Pedreiros obreiros, ou trabalhadores, que construem os edificios materiaes.

P. De que serve a Maçonaria theorica?

R. Serve de apurar os nossos costumes, e fazer-nos uteis ao Estado, e a humanidade, por meio dos principios, e moral sublime, que a Maçonaria contém.

P. Quaes são as leis da Maçonaria?

R. Punir o crime, e honrar a virtude.

P. Que deve evitar hum Mação?

R. A inveja, a calumnia, e a intemperança.

P. Que deve observar?

R. O silencio, a prudencia, e a charidade.

P. Podeis vós dizer-me quantos pontos tem a Maçonaria?

R. São innumeraveis; mas reduzem-se á quatro principaes, á saber; o gutural, e peitoral, que nos lembra a nossa obrigação, que se explica quando se fazem: o manual, que serve para dar o toque no reconhecimento; e o pedestre, que nos mostra que todo o bom Mação deve marchar pelo caminho da equidade, cujo symbolo he a esquadria.

P. Como viajão os Companheiros?

R. Do Occidente ao meio dia e ao Norte, e do Norte ao Oriente.

P. Que significa esta marcha ?

R. Que hum Maçon deve voar ao soccorro dos seus Irmãos, ainda que elles estejão nas extremidades da terra.

P. Qual he o lugar dos Companheiros na Loja ?

R. O meio dia para receber as ordens dos Mestres.

P. Onde são elles pagos ?

R. Na columna B.

P. Qual he a palavra do passe dos Companheiros ?

R. (Repete-se a palavra).

P. Que quer dizer esta palavra ?

R. Em Hebreu significa espiga, e foi a palavra da senha do acampamento de Jephté, General dos Israelitas, quando a tribu de Ephraim se revoltou. Jephté apoderou-se das margens do Jordão por onde os Israelitas havião de passar; e todos os que voltárão, e não poderão pronunciar esta palavra, forão passados á espada, e precipitados ao Rio.

P. Vistes vós hoje vosso Mestre ?

R. Sim Venerabilissimo.

P. Como estava elle vestido?

R. De oiro, e azul.

P. Que significão estas duas palavras?

R. Que hum Maçon deve conservar ainda a sabedoria no centro das grandezas, de que possa ser revestido.

P. Que idade tendes vós?

R. Cinco annos.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

OBSERVAÇÕES.

A maldade de alguns profanos que forjão cathecismos apocriphos, e a ignorancia de alguns Mações, que se intrometterão a emendar os verdadeiros, sem entender o sentido das palavras, que emendão, são as duas causas que produzirão a multiplicidade de papeis, que correm com o nome de Cathecismos dos Framações, não só manuscriptos, mas impressos: e para que o bom Mação conheça quão necessaria seja a sua boa reputação na Ordem; desacreditar semelhantes papeis, e procurar extinguil-os, se notaráõ aqui alguns dos seus erros.

Na explicação da letra G. emendárão muitos Veneraveis o cathecismo por não conferir esta, com a explicação, que da mesma letra se dá em outros gráos: o que não farião se reflectissem, que no mesmo gráo de Mestre se dão disto duas explicaçõcs diffe-

rentes, huma consecutiva a outra, o que não pode ser engano; mas sim de pensado.

Na resposta, que se dá, a pergunta do que he Loja perfeita, tambem muitos cathecismos fazem alteração, para a assemelharem á outra que se dá no primeiro gráo; por não advertirem que a perfeição, que faz o objecto da pergunta, he relativa ao gráo, e por consequencia a resposta deve ser differente nos differentes gráos.

Não he menos claro o absurdo daquelles cathecismos, que á pergunta sobre as pessoas, que compõe a Loja perfeita, enumerão o Aprendiz; podia perguntar-se á estes emendadores, onde virão elles nunca hum Aprendiz em Loja de Companheiro, ou Mestre.

Muitos cathecismos trazem tambem a explicação da palavra sagrada de Aprendiz, que a força está em Deos, e da palavra de companheiro, que a sabedoria está em Deos, ou na perseverança do bem: estas explicações, são contrarias as leis da Maçoneria; e he claro, que a razão procura inventar, e a força sustentar; e seria impraticavel querer alguma cousa antes da sua existencia: além de

que todos os melhores interpretes convém, que a columna J. significa sabedoria, e a columna B. diz força.

A pergunta de Companheiro — porque porta entrasteis no Templo — se dá neste cathecismo a resposta — pela porta do Occidente. —

Muitos tem alterado esta resposta, com o fundamento de que no Templo de Salomão nunca ouve porta ao Occidente. Esta razão he verdadeira, mas não a consequencia; porque a porta de que aqui se trata não he a do Templo de Salomão, o qual na verdade nunca teve porta ao Occidente; mas esta he huma das perguntas introduzidas em obzequio da Religião Christã depois do seu estabelecimento pelos primeiros Mações Christãos, e se refere ás portas das Igrejas ou Templos dos Christãos, que primitivamente, e ainda hoje em muitas partes, tem a porta principal ao Occidente: e como no principio do Christianismo não se admittia ao Templo hum novo Christão se não depois de provado e experimentado na bondade de costumes, esta resposta aqui vem a ser emble-

matica, e exprime a pureza de costumes, que naquelle tempo se supunha em todo o que era Christão, e ja admittido ao Templo: assim que o mesmo era dizer, sou Christão admittido ao Templo, que dizer, sou homem virtuoso. Se os Maçõnes, que se atreverão á emendar estas passagens, tivessem tido o trabalho de profundar as historias, e tradições maçonicas, não alterarião cousas, que fazem tanta honra á Ordem; mas o bom senso os devia obrigar, ao menos á contentar-se com o que achavão escripto.

Tambem emendárão muitos a circunferencia de doze covados, que se diz terem as duas columnas do Templo; por que havendo-se dito que a altura he de desoito covados, vem huma semelhante columna a ser contra todas as regras da Architectura.

Mas quem deseja só emendar não repara, que seria este hum erro, se fosse tão grosseiro, que nenhum Mação cahiria nelle se o não fizesse de proposito: e está tão longe de ser engano que esta disproporção á favor da grossura, he hum symbolo da fortaleza das obras de Deos, e que a sua sa-

bedoria e poder, são acima de toda a comprehenção, e regras de ordem que os homens possão estabelecer.

Muitos outros exemplos podérão aqui ser notados, para mostrar quanta razão ha para conservar sem alteração os antigos cathecismos, que são conformes aos Estatutos da Ordem, mas contentem-se os Companheiros Mações, com saber que as perguntas, e respostas do cathecismo, são emblematicas, e que a verdadeira explicação de muitas dellas, prohibem os Estatutos da Ordem que se manifestem neste gráo.

ENCERRAMENTO DA LOJA.

Quando o Veneravel propõe á Loja, a leitura do Cathecismo, pode tambem ajuntar á esta moção a outra, de que acabado ella, se sigão immediatamente as perguntas para fechar a Loja; mas se não tiver unido estas duas moções, impetrará o consentimento da Loja para a fechar, e depois dirá:

P. Irmão 1.º Vigilante até que horas se trabalha na Loja?

R. Até a meia noite.

P. Que horas são?

R. Meia noite.

P. Que idade tendes vós?

R. Cinco annos.

O *Ven.* Em virtude da hora, e da idade, advertí á todos os nossos amados irmãos, em todos os seus gráos, e qualidades, tanto da parte do meio dia, como da parte do Norte que nós vamos fechar a Loja, e aca-

bar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° *Vig.* Meus irmãos da parte do meio dia etc.

2.° *Vig.* Meus irmãos da parte do Norte etc. (Conclue).

Está annunciado.

1.° *Vig.* Diz o mesmo.

Ven. A mim meus irmãos.

O Veneravel e toda a Assembléa faz o signal do gráo de Companheiro, e bate os aplausos, e aclamações do gráo.

Depois declara a Loja fechada, e os Vigilantes repetem o mesmo.

DISCURSO DO ORADOR A' HUM ARTISTA.

Meu charo Irmão, trez palavras, que desde a existencia da Ordem não tem formado o acaso, mas sim huma justa combinação, para exprimir o sentimento, que nos anima, são hoje o titulo legitimo, com que a Sociedade vos honra, e recompença a submissão e constancia, que tendes mostrado. Vós já sois nosso. Nós já vos amamos por extremo. Temos-vos já, como hum nosso Irmão, e amigo. Esforçai-vos de provar todas as vantagens, que resultão do vinculo, que vindes contrahir, e cuja graça, e doçura sempre dependerão do vosso procedimento, e das vossas boas qualidades. Antes da vossa iniciação, logo se vos previnio, que a Maçonaria não requeria, nem propunha nada, que fosse contrario á religião de cada hum, á fidelidade que este deve ter ao Governo, e aos bons costumes. Os termos da obrigação, que fi-

zestes, vos devem convencer desta verdade. Mas tambem nunca esqueçais, meu Irmão, que este nó he indissoluvel, que só a morte póde romper; e que a Ordem vos prescreve huma fidelidade inviolavel, e huma apurada discrição. Vós sois nosso, quer dizer: que depois de haver comprido as obrigações do estado, em que a Providencia vos poz, o primeiro dever do bom Pedreiro-Livre he ser todo inteiro da Sociedade, de que he membro; que os vossos trabalhos lhe pertencem, e desde este momento fazem parte do fundo publico, e commum, sobre que assenta o feliz successo de seus trabalhos; e que sereis só amado á proporção dos esforços, que fizerdes para os prosperar. As Obras, em que ella vos occupa, não são difficultosas. Os simbolos do Templo de *Salomão*, á cujo Templo se vai buscar a origem da ordem, são imagem do Templo da virtude, que pertendemos levantar em nossos corações. Nós em o vosso esperamos achar materiaes proprios para construir este sublime Edificio, cuja base he a honestidade, e o amor do bem, e cujas principaes columnas são a caridade, e a amisade.

Vós tendes adquerido hum direito incontestavel á estes dois sentimentos, que nunca deixaremos de praticar. Esta he a divisa essencial de Irmãos. Este nome precioso vos identifica, e enche todos os espaços, que nos separavão, e restabelece a igualdade, que he o primeiro voto da natureza. Nós vo-lo communicamos sem violencia, e sem pezar; porém tambem sem nos invilecer. Disto vos deveis lisongear, Irmão, mas sem orgulho, nem soberba. Quanto mais os homens superiores, se esquecerem da distancia, em que estão, mais lhes convem lembrar-se disto, se quizerem com effeito, que a soberba seja apagada. O motivo que vos trouxe aqui póde ser que seja o dezejo de vos ligar com homens, que dantes não conhecieis. Este desejo he louvavel; e não vos tendes enganado, nem da protecção que podeis ter, nem dos soccorros, que podeis esperar, nem da brandura que comvosco se tem usado, se da vossa parte, fiel ao caracter, que mostrais, e que em geral he o da honestidade e bons costumes, vos não apartardes nunca das nossas regras e preceitos. Hum vão desejo de curio-

sidade nos tem muitas vezes guiado á varias acções. A esperança de encontrar cousas sobrenaturaes, ou maravilhosas, he o aguilhão de hum espirito fraco e inconsequente; porém o gosar as vantagens preciosas, que seguem a pratica da virtude, o exercicio constante dos direitos do homem, e a segurança dos seus privilegios, tudo isto he na realidade hum thesouro do sabio, e de huma alma sincera, e recta, e o mais por onde chegais á ser nosso Irmão, cujas vantagens nós vos promettemos. A caridade he o nosso premio; mas devemos sempre dirigir o zelo d'ella, distinguindo juntamente as necessidades, de que só a fortuna he culpada, daquellas, que produzem a occiosidade, a indolencia, e a falta de procedimento. A nossa bolça está aberta para os primeiros; e o nosso coração se mostra surdo aos gritos indecentes dos segundos; porque hum acto virtuoso nunca póde authorisar hum vicio, ou recompensa-lo. Admittido aos nossos trabalhos, Irmão, vós hireis gostando da nobre gravidade da moral, que nos occupa, da explicação dos nossos sinaes, das nossas palavras,

das nossas figuras, e das ceremonias mesmas da vossa recepção. Por toda a parte não vereis, senão a virtude; o seu Templo, e o culto que lhes damos. Admittido aos nossos prazeres, aos nossos divertimentos, aos nossos banquetes, vós a vereis presidir á estas pequenas festas, onde a moderação, a temperança, e a honestidade prohibem os excessos, que invilecem o homem, degradão a razão, e fazem envergonhar a decencia, sem com tudo recusar nada ás necessidades da natureza, e ás cousas, que lisongeão o gosto. Aquelle, que nós chamamos profano, e que não he Pedreiro Livre, póde embora seguir a torrente impetuosa das suas paixões, porque não tem o mesmo freio, e embaraços, que nós temos; e assim he que a nossa Sociedade dá tacitamente ao publico lições uteis, que não tem o ar de pedanteria, e que só consistem no merecimento do bom exemplo. A' respeito dos nossos costumes, e usos, nós somos discretos; mas o procedimento exterior dos Pedreiros-Livres deve sempre descobrir os seus principios. Esta he huma especie de amor proprio, que lhe he permit-

tido. Em quanto ao regimen essencial da Ordem bem depressa o conhecereis, meu charo Irmão. Elle todo consiste em huma inteira subordinação aos chefes da Ordem, e áquelles, que em gráos superiores se estabelecem entre nós como juizes, por premio de seus trabalhos, e assiduidade. Precisa tambem haver huma apurada discripção. Esta he que eu muito vos recommendo, meu Irmão. Por esta he, que a Ordem tem durado desde os seculos antigos, até ao seculo presente. Dizer aos profanos os nossos segredos, revelar-lhes os nossos ritos, seria não faze-los melhores, mas expo-los á serem profanados. Contentes com os bens, que nos tem adquirido, só esperamos sobre tudo examinar, se alguem da Ordem se faz digno. Nós esperamos, meu Irmão, não nos termos enganado com vosco; e esta boa opinião será sem duvida para vós, e para todos mais hum efficaz motivo para se continuar á merece-la.

OBRAS DE MAÇONERIA A VENDER EM CASA DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª

Annaes Maçonicos Fluminenses; 1.º vol. 1$000 rs.

Historia geral da Franc-Maçoneria, desde o seu estabelecimento até aos nossos dias, seguida de alguns Discursos sobre diversas materias Maçonicas; Por J. F. Verhues. 1 vol. 1$000 rs,

Regulamentos particulares, baseados sobre as Constituições geraes da ordem Maçonica, seguidos do Diccionario dos termos Maçonicos. 1 vol. 2$000 rs.

Senda Maçonica, ou Conductor das Lojas regulares, segundo o rito francez reformado. 1 vol. 2$000 rs.

Achão se no prélo, para sahir brevemente.

Collecção de Cathecismos de todos os sete gráos da moderna Maçonaria Franceza.

O Cobridor (tuileur) *de todos os ritos Maçonicos*, ou Manual da Maçoneria Franceza, Escoceza, de adopção, etc. 2 vol. ornados de 24 estampas.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catheciſmo e Regulamento Geral do Grão de Mestre,

TERCEIRO GRÁO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1833.

Instrucções Maçonicas.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS,

OU

Catheciſmo e Regulamento Geral do Grão de Mestre,

TERCEIRO GRÃO DA MAÇONERIA AZUL;

ORGANISADOS

SEGUNDO O ORIGINAL FRANCEZ, A TRADUCÇÃO E ANNOTAÇÕES DE HYPOLITO (LONDRES), E ADOPTADOS AOS TRABALHOS

DA LOJA BRAZILEIRA COMMERCIO E ARTES,

PELO SEU VENERAVEL J. DA C. B. CAV.·. R.·. †.·.

RIO DE JANEIRO,

NA TYP. DOS IRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª
rua d'Ouvidor, N. 95.

1833.

INSTRUCÇÕES MAÇONICAS.

ABERTURA DA LOJA.

Os Officiaes Dignatarios, são os mesmos que nas Lojas precedentes, com a differença sómente dos tratamentos; porque nesta Loja de Mestre todos os membros se chamão Veneraveis; e o Mestre Respeitavel.

As insignias de Mestre vem á ser: as luvas de pelle branca, e o avental do mesmo; porém o lado com debrun, ou bord do azul: no meio da abeta, terá o compasso entrelassado na esquadria, servindo-lhe de ornato os ramos de accacia; na abeta hum olho cercado de resplandor, e mettido em hum triangulo equilatero.

A decoração da Sala he de preto, na cadeira, docel, throno, altar e paredes; o mais he azul, nos grãos precedentes. Haverá na Loja hum tumulo para a cerimo-

nia da recepção, o qual deve tambem ser orlado de preto com tudo, que lhe diz respeito. Quanto ao mais de que na Loja se necessita do mesmo cathecismo se deduz.

A abertura da Loja, he a seguinte. O Respeitavel, subindo ao throno bate as pancadas de Mestre, e os Vigilantes lhe respondem com o mesmo, e todos os membros devem logo tomar os seu lugares; e o Respeitavel, começa as proguntas da abertura da Loja nestes termos.

Respeitavel. Veneraveis Irmãos 1.° e 2.° Vigilantes convidai a todos os nossos Veneraveis Mestres para nos ajudaram á abrir a respeitavel Loga de Mestre.

Primeiro Vigilante. Veneraveis Mestres do lado do Meio dia, eu vos convido da parte do Respeitavel para que nos ajudeis á abrir a respeitavel Loja de Mestre.

Segundo Vigilante. Veneraveis Mestres do lado do Norte etc.

Pergunta: Veneraveis Vigilantes estão todos os Irmãos em ordem?

R. Sim, Respeitabillissimo.

P. Irmão 1.º Vigilante, para que nos ajuntamos aqui?

R. Para recuperar a palavra de Mestre, que está perdida.

Respeitavel. Se assim he, meus Irmãos, hide ao Norte e ao meio dia reconhecer todos os Mestres, que encontrareis; sem duvida pelas suas luzes recuperareis a palavra: depois vireis ao Oriente para ma dar.

Os Vigilantes cada hum pela sua columna recebem de cada Irmão o toque de Mestre, e a palavra sagrada, na fórma que a ordem exige, e dão depois ao irmão o osculo de paz. Assim continuão até o Respeitavel: á quem dão palavra com as mesmas formalidades, e depois voltão aos seus lugares; e o Respeitavel Pergunta.

P. Veneravel 1.º Vigilante agora que achamos a palavra, que nos resta fazer?

R. Traçar os planos que devem servir de exemplo aos Companheiros.

P. Com que faremos esse trabalho?

R. Com o giz, huma terrina e carrão.

P. Que significão estas tres couzas?

R. Zelo, fervor, e constancia.

P. Que idade tendes vós?

R. Sete annos.

P. Que horas são?

R. Meio dia em ponto.

Resp.: Em virtude da hora, e da idade, advirti á todos os nossos amados Irmãos, que a respeitavel Loja de Mestre está aberta, e que nós vamos começar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.º *Vigilante.* Veneraveis Mestres, eu vos advirto da parte do nosso Respeitavel, que a respeitavel Loja de Mestre está aberta, e que nós vamos começar os nossos trabalhos na fórma do costume.

2.º *Vigilante* Veneraveis Mestres etc.

Havendo os Vigilantes participado ao Respeitavel de que está annunciado, o Respeitavel, e toda a assembléa faz o signal, e as nações dos Mestres, e se annuncia a Loja aberta. Logo se passa ás recepções, e, não havendo, ao cathecismo.

OBSERVAÇÕES SOBRE A REGULARIDADE DESTA LOJA.

Logo que a Loja de Mestre está aberta, ou para melhor dizer, quando se vai abrir, e que o Respeitavel manda aos Vigilantes buscar a palavra, devem todos os membros voltarem-se para o Oriente, até o mesmo Respeitavel, o qual ficará com as costas para a Assembléa, e o rosto para o espaldar do docel; e a proporção que os Vigilantes forem recebendo a palavra, os que a derem ficarão logo voltados para fóra, do modo ordinario. Esta precaução, sempre praticada em todas as Lojas regulares, faz impossivel que algum, que não tenha o grão de Mestre possa introduzir-se subreticiamente na Loja.

Depois que o Respeitavel annuncia a Loja aberta, o Esperto aviza o Cubridor, de que a Loja aberta he a de Mestre, á fim de que

que elle examine neste gráo os irmãos, que pertendem ser admittidos á vizitar a Loja que está aberta; para poderem entrar com o marcha correspondente do gráo, he necessario que o mesmo Cubridor os advirta da Loja que está aberta; e o irmão dará ao Experto a devida palavra de passe ao tempo que entrão na porta da Loja.

O Experto antes de abrir a porta para entrar algum vizitante, deitará no chão a espada com a ponta voltada para o Oriente, e os copos para o Occidente, a fim de que o irmão admittido possa formalizar sobre ella a sua marcha de Mestre, e venha nisto á dar o ultimo signal de o ser.

O irmão introduzido na Loja regulará sempre a marcha de maneira, que ao ultimo passo fique postado entre as columnas, para responder ás perguntas, que lhe fizer o Respeitavel, como se partica nos mais gráos.

CATHECISMO DE MESTRE.

P. Veneravel irmão, donde vindes vós?

R. Respeitabillissimo, venho da camara do meio,

P. Que se faz na camara do meio?

R. Honra-se a memoria do nosso Respeitavel Mestre Adonhiram.

P. Como chegastes vós lá?

R. Por huma escada feita de fórma de parafuzo, a qual se sobe por tres, sinco, e sete.

P. Que significão estes numeros?

R. Que he precizo tres annos para fazer hum Aprendiz, cinco para hum Companheiro, e sete para hum Mestre.

P. Como vos receberão?

R. Como se recebem os Mestres da nossa Ordem, apresentando-me hum ramo de acacia.

P. Onde fostes vós recebido Mestre?

R. Em huma Loja perfeita.

P. Quem são os que compõem huma tal Loja?

R. Nove, designados pelas nove luzes: que são hum Respeitavel Mestre, dois Veneraveis Vigilantes, e seis Mestres.

P. Com que cerimonia fosteis vós recebi lo?

R. Passando da esquadria ao compasso, sobre o tumulo do nosso respeitavel Mestre Adonhirão.

P. Que vistes vós quando vos fizerão entrar na Loja de Mestre?

R. Não me foi permittido olhar, e não ouvi se não gemidos.

P. O que notastes vós na Loja, em que fostes recebido?

R. Huma grande luz, em que vi a letra G.

P. Que significa esta letra?

R. Grandeza, Gloria: e que todo o mortal deve conhecer o que vos he superior.

P. Que póde ser superior á mim que sou Maçon livre, e Mestre de huma Loja tão bem composta?

R. Deos. Com esta letra o deziguamos;

porque ella he a inicial da palavra God, que em muitas linguas significa o Ente Supremo.

P. Que vos derão quando vos receberão Mestre?

R. O segredo dos Mações, e da Maçonaria.

P. Dai-me o ponto perfeito da vossa entrada?

R. Dai-me o primeiro, que eu vos darei o segundo.

P. Eu guardo.

R. Eu escondo.

P. Que escondeis vós?

R. Todos os segredos, que me forão confiados.

P. Onde os escondeis vós?

R. No coração.

P. Ha alguma chave para lá entrar?

R. Sim, Respeitabellissimo.

P. Onde a guardais vós?

R. Em hum cofre de coral, que só se abre, e fecha com chave de marfim.

P. De que metal he essa chave?

R. De nenhum; porque he huma lingoa sugeita á razão, que não sabe dizer, se não

bem em auzencia, e assim como o dirá na presença daquelles de quem falla.

P. Vós fostes sem duvida Aprendiz, e Companheiro, antes de ser Mestre?

R. Sim, Respeitabilissimo: I.·. e B.·. me são conhecidos, assim como a regra de tres; e isto deixa á minha disposição a chave de todas as Lojas.

P. Que chave he essa?

R. O conhecimento de todos os signaes, toques, e palavras, dos tres gráos que me forão confiados.

P. Mostrai-mos?

(Fazem-se os signaes dos dois gráos, e depois se põem na ordem de Mestre dizendo:)

R. Eis aqui, vós deveis conhecer isto que he distintivo, e que carecteriza os verdadeiros Maçõns.

P. Sim, meu irmão: e donde a tirastes?

R. Da minha esquadria, e a conservo como couza, que me he a mais precioza.

P. Porque vos he esta chave tão precioza?

R. Porque ella me tem feito conhecer a verdadeira luz.

P. Porque a trazeis vós na vossa esquadria?

R. Quero dizer com isto que ella acompanha o meu coração, onde estão encerrados os segredos da nossa ordem; e que ella me traz á lembrança a attitude em que se achou o corpo de Adonhiram, cujo braço esquerdo estava estendido, e o direito formava a esquadria, figurando o signal peitoral.

P. Que viestes vós fazer aqui?

R. Procurar a palavra de Mestre, que se havia perdido.

P. Como se perdeu a palavra de Mestre?

R. Por tres grandes pancadas.

P. Quaes são essas tres grandes pancadas?

R. São as que recebeu o nosso Respeitavel Mestre, quando foi assassinado á porta do Templo por tres malvados, que lhe quizerão arrancar, ou a vida, ou a palavra de Mestre.

P. Como se soube que forão companheiros, os que commetterão este crime?

R. Pela revista geral, que se fez de todos os trabalhadores, na qual faltarão tres companheiros.

P. Perdida a palavra, como se tornou a achar?

R. Os Mestres suspeitarão o assassino de Adonhiram; e temendo que á força de tormentos lhe tivessem arrancado a palavra de Mestre, convierão elles entre si que a primeira palavra, que se proferisse, quando o achassem, lhes servia para o facturo de senha. O mesmo se determinou á respeito do signal, e do toque.

P. Quantos Mestres se mandarão em procura de Adonhiram?

R. Nove, designados pelas nove luzes.

P. Onde se achou o corpo do nosso Respeitavel Mestre?

R. Em hum montão de ruinas de quazi nove pés cubicos, sobre que se tinha plantado hum ramo de acacia.

P. Para que servia esse ramo?

R. Para que os traidores pudessem reconhecer o lugar aonde havião occultado o corpo de Adonhiram, que elles fazião tenção de trasladar para outro lugar mais remoto.

P. Que foi feito do corpo do nosso Respeitavel Mestre?

R. Salomão o mandou sepultar no santuario do Templo, e inculpir sobre o tumulo huma medalha de ouro triangular, sobre a qual estava gravado o nome de Jehova, antiga palavra de Mestre, e que no Hebreu significa Ente Supremo.

P. Que figura tinha o tumulo?

R. Sete pés de comprido, cinco de largo, e tres de profundo.

P. Quaes são as notas distintivas dos Mestres?

R. Hum signal, hum toque, huma palavra, e os cinco pontos perfeitos da Mestrança.

P. Dai-me o signal.

(Responde-se fazendo-o.)

P. Como chamaes a este signal?

R. Signal de horror.

P. Porque?

R. Porque dezigna o horror, que os Mestres tiverão quando acharão o corpo de Adonhiram.

P. Dai o toque ao Irmão 2.° Vigilante?

(Obtesce-se na mesma forma que se disse no grão de companheiro.)

P. Dai-lhe a palavra sagrada.

(Dá-se na forma que a Ordem exige.)

P. Que significa esta palavra?

R. A carne se despega dos ossos.

P. Qual he a palavra do passe?

(Repete-se, e continua:) sobrenome, que se deu ao nosso Respeitavel Mestre.

P. Quaes são os cinco pontos perfeitos da Mestrança?

R. O pedestre, a inflexão dos joelhos, a juncção das mãos direitas, o braço esquerdo sobre a espada, e o osculo da paz.

P. Dai-me dessas couzas a explicação, que sabeis?

R. O pedestre, que nós estamos sempre prontos para marchar em socorro dos nossos irmãos. 2.° A inflexão dos joelhos, que devemos sem cessar humilhar-nos diante de quem nos deu a existencia. 3.° A juncção das mãos direitas, que devemos assistir aos nossos irmãos nas suas necessidades. 4.° O braço sobre a espadoa, que devemos prestar aos nossos irmãos todos os concelhos, que dictar a nossa sabedoria. 5.° Em fim que o osculo de paz annuncia esta união, esta doçura, inalteraveis, que fazem a baze da nossa Ordem.

P. Sobre que está sustentada a Loja de Mestre?

R. Sobre tres grandes pilares, chamados: Sabedoria: Força: e Belleza.

P. Quem lhes deu estes nomes?

R. Salomão, Hiram Rei de Tyro, e Adonhiram Archicteto do Templo.

P. Porque se atribue á Solamão a sabedoria?

R. Porque diz e Escriptura que elle recebeu este dom de Deos, e que effectivamente foi o mais Sabio Rei do seu tempo.

P. Porque se atribue a força á Hiram Rei de Tyro?

R. Porque elle submnistrou á Salomão as madeiras para a construção do Templo.

P. Porque se attribue a belleza á Adonhiram?

R. Porque como grande Architecto do Templo, desenhou todos os ornatos, que havião de servir á decoração deste sumptuozo monumento.

P. Estes tres nomes das colunas encerrão alguma outra significação?

R. Sim, Respeitabellissimo; a forma destas

colunas significa a Divindade em toda a sua extenção; A Sabedoria significa a sua essencia, A força a sua Omnipotencia A belleza exprime quanto as obras de Deos são perfeitas e sublimes.

P. Quaes devem ser as qualidades de hum Mestre?

R. Sabedoria, Força, e Belleza.

P. Como se podem reunir estas qualidades tão raras?

R. A sabedoria nos costumes; a força, na união com os seus irmãos; e a belleza no caracter.

P. Ha na Loja de Mestre alguns moveis preciozos?

R. Sim, Respeitabellissimo; em numero de tres; que são, o Evangelho, o Compasso, e o Macete.

P. Qual he a sua significação?

R. O Evangelho disigna a verdade; o compasso a justiça; o macete, que serve para manter a Ordem, nos faz lembrar, que nós devemos ser doceis ás lições da Sebedoria.

P. Porque usão de macete os trez primeiros Officiaes da Loja?

R. Para nos dar a entender continuamente, que assim como a materia produz som quando se lhe bate, assim tambem, e com mais razão, o homem, a quem Deos deu hum coração, e a faculdade de conhecer, e de julgar, deve ser sensivel ás vozes da virtude, e prestar homenagem ao seu Creador.

P. Como se chama a hum Mestre?

R. Gabaon: que he o nome do lugar, em que os Israelitas depuzeráo a archa, no tempo das perturbações.

P. Que significa isto?

R. Que o coração do Mação deve ser assaz puro para que possa servir de agradavel Templo a Deos.

P. Como se chama o Filho de hum Mação?

R. Lowton: palavra Ingleza, que significa discipu'o de Archictectura.

P. Qual he o privilegio de hum Lowton?

R. De ser recebido primeiro Mação, de que outro qualquer.

P. Sobre que trabalhão os Mestres?

R. Sobre a prancha de riscar.

P. Onde recebem o seu sallario?

R. Na camara do meio,

P. Como viajão os Mestres ?

R. Sobre toda a superfice da terra

P. Para que ?

R. Para espalhar luz em toda a parte.

P. Se vós perdesseis hum dos vossos irmãos, aonde o acharieis ?

R. Entre a esquadria e o compasso.

P. Explicai-me esta resposta ?

R. A esquadria e o compasso são os simbolos da sabedoria, e da justiça, de que hum Mação ja mais se deve apartar.

P. Que farieis vós achando-vos em algum perigo ?

R. Faria o signal de socorro, e daria brados dizendo. — A' mim filhos da viuva. —

P. Porque bradaes vós pelos filhos da viuva ?

R. Depois da morte do nosso Respeitavel Mestre, os Mações tomarão á seu cargo a May delle, que éra viuva, e intitularão-se seus filhos; porque Adonhiram tratou sempre a elles como irmãos.

P. Que idade tendes vóz ?

R. Sete annos.

P. Que horas são ?

R. Meio dia em ponto.

ENCERRAMENTO DA LOJA.

O Respeitavel propõe o encerramento da Loja; e obtido o consentimento dos irmãos, procede ás seguintes perguntas.

P. Veneravel 1.° Vigilante, até que horas se trabalha em Loja?

R. Até a meia noite em ponto.

P. Que horas são?

R. Meia noite em ponto.

P. Que idade tendes vós?

R. Sete annos.

Respeitavel. Em virtude da hora, e da idade, adverti a todos os nossos veneraveis irmãos, tanto da parte do Meio dia, como da parte do Norte, que vamos a fechar a Respeitavel Loja de Mestre, e acabar os nossos trabalhos na forma do costume.

1.° *Vigilante.* Meus irmãos, que compondes a minha columna do lado do meio-dia, eu vos advirto da parte do Respeitavel, que

nos vamos a fechar a Respeitavel Loja de Mestre, e acabar os nossos trabalhos na forma do costume.

2.° *Vigilante* Veneraveis Irmãos etc.

Resp. está annunciado.

1.° *Vigilante.* Respeitabellissimo, está annunciado.

Resp. A' mim meus irmãos.

O Veneravel, e toda a Assembléa faz o signal do gráo de Mestre, bate os applauzos deste gráo, e acclama.

Respeitavel. Veneraveis irmãos, a Loja está fechada.

1.° *Vigilante.* Veneraveis irmãos, a Loja está fechada.

2.° *Vigilante.* Veneraveis Irmãos, a Loja está fechada.

DISCURSO NA RECEPÇÃO DE HUM MESTRE.

MEUS amados Irmãos, para começar a instruir-vos nos misterios de Mestre he necessario, que vos diga, que o nosso Respeitavel Mestre Adonhirão, grande Architecto do Templo de *Salomão*, possuindo os segredos todos de Mestre, quiz antes affrontar, e padecer a morte, que revela-los. Eu julgo que, sois do mesmo parecer e sentimentos; razão porque me vejo obrigado a tratar-vos do mesmo modo, com que elle foi tratado por trez malvados Officiaes, que, (para terem a paga de Mestre) attentarão tirar-lhe a vida. Com o primeiro golpe ficou aturdido, com o segundo estremeceo, e com o terceiro cahio morto. A vós, meus caros Irmãos, se dirige esta palavra. Vós representais aquelle nosso respeitavel Mestre, que descança já no seio clarissimo do Santo dos Santos, por

cuja causa vos quero explicar o resumo da vida, e morte deste grande homem.

David, Rei de Israel, tendo projectado levantar hum Templo ao Eterno, ajunta para este fim thesouros immensos Mas esta grande obra estava reservada para seu filho, Salomão, a quem Deos concedeo o dom da Sabedoria em seu espirito, de força em seu poder, e de belleza em seus thesouros riquissimos. Havendo pois *Salomão* aprazado o anno, o mez, e o dia, para começar este grande Edificio, deu parte á Hiram, Rei de Tiro, seu visinho, alliado, e amigo, que lhe mandou logo cedros do Libano, já preparados, e promptos para a obra; e *Salomão*, mandou fazer o mesmo nas Pedreiras em todas aquellas pedras, que lhe erão necessarias para a construcção do Templo. Mas *Hiram* lhe fez hum presente ainda mais precioso com a pessoa de *Adonhiram*, seu parente consanguineo, e filho de huma viuva da tribu de Nephtali. Seu pai se chamava *Hur*, excellente Architecto, e naquelle tempo o mais habil na fundição dos metaes. *Salomão*, conhecendo as suas virtudes, o seu

merecimento, e talentos, o distinguio logo pelo cargo o mais nobre, e honroso. Deo-lhe então a direcção do Templo, e a superioridade sobre todos os operarios. Mas como estes erão muitos, elle os dividio em trez classes, em Aprendizes, Officiaes, e Mestres; e lhes deo a cada hum, hum sinal, huma palavra, e hum toque, para se poderem conhecer, e receber o seu sallario, Porém trez malvados Officiaes, levados da avareza, e da inveja, quizerão tocar no pagamento de Mestre, e projectarão, ou leva lo por força, ou tirar-lhe a vida. Para este effeito se collocarão no Templo, hum á porta do Occidente, outro á porta do meio dia, e o terceiro á porta do Norte. *Adonhiram*, que tinha por costume visitar os trabalhos, quando acabava o dia, para dar conta a *Salomão*; entra com effeito no Templo pela porta do Occidente, onde encontra de improviso o primeiro destes malvados, que lhe pede por força ou a paga de Mestre, ou a vida. *Adonhiram* ficou surprehendido deste cazo, e lhe respondeo brandamente, e com doçura: " meu Irmão, não " he deste modo, que eu a alcancei. Tra-

" balhai, merecei, vós a tereis. ,, Não contente este temerario da resposta, lhe dá huma pancada com huma regua, que o fez fugir para a porta do meio dia, onde elle achava o segundo, que lhe fez a mesma rogativa, e *Adonhiram* lhe deo a mesma resposta; e este lhe deo huma pancada com hum rolo de madeira, que o aturdio; fugindo para a porta do Norte, encontrou o terceiro, que o suspendeo, pedindo-lhe tambem, ou a palavra de Mestre, ou a vida. Mas *Adonhiram* com firmeza, e valor, persistio em guardar o seu segredo. D'este terceiro he que elle recebeo huma tão furiosa pancada de hum malho, que o fez cahir morto para a porta do Oriente. Elles depois se ajuntarão, e concertarão entre si, se lhes pedirião a palavra do Mestre; e vendo que a não tinhão, nem sabião, envergonhados do seu crime, levarão o corpo do nosso Respeitavel Mestre fóra do Templo, e o occultarão debaixo de humas pedras com tenção de o furtarem de noite, e o levarem fóra de Jerusalem; e com effeito assim o fizerão. Trez, cinco, e sete dias se passarão sem que *Salomão* visse o seu grande

Architecto, o que muito o inquietou, por cuja cauza ordenou a nove dos mestres mais moços, que fossem descobrir a *Adonhiram*, e lhe levassem a noticia do que d'elle achassem. Trez partirão logo pela porta do Oriente, trez pela porta do meio dia, e trez pela porta do Occidente, concordando primeiro entre si de se não apartarem huns dos outros em maior distancia do que a que se podesse ouvir vóz humana. Hum d'elles cançado já de andar, e querendo, descançar proximo de hum oiteiro, percebeu que a terra alli estava remechida de fresco. Elle se chegou ao pé, e revolvendo a mesma terra, descobre com effeito o corpo do nosso mui Respeitavel Mestre, *Adonhiram;* chama os camaradas, que á sua voz se aproximárão, e lhes fez ver a sua triste descoberta; mas não se atrevendo pelo respeito, que lhe tinhão, a toca-lo, cobrirão a cova, e achando-se ao pé huma Arvore, chamada Acacia, d'ella arrancarão hum ramo, que pozerão na cova para a poderem conhecer, e voltarão para Jerusalem á dar conta a *Salomão* da perda do seu Architecto. *Salomão* penetrado da mais

viva dor, rasga os seus vestidos, e jura de o vingar. Ordena a nove dos mais antigos Mestres, que fossem desenterrar o corpo do Respeitavel, e que em pompa funebre o levassem a Jerusalem os Mestres. Temendo, que pela força dos tormentos, e da violencia se tivesse divulgado a palavra do Mestre, accordarão, que o primeiro sinal, palavra, e toque, que se fizesse, e se proferisse á tirada do corpo, servisse para o futuro igualmente para os Mestres. Além disto, elles se vestirão de aventaes, e luvas de pelle branca, por prova da sua innocencia, e de que elles não forão os que banhárão suas mãos no sangue innocente. O mais velho d'elles se adiantou, (*aqui o Veneravel Mestre continuando o seu discurso, levanta o admittido, dando-lhe hum abraço*) e descobrindo a terra, que nos serve de symbolo, a toma por *Jakin*; e vendo ainda que o dedo lhe ficava na mão, a toma por *Booz* da mesma sorte, que sendo a carne putrificada, os ossos se despregarão da pelle; mas para mais firmeza, elle a toma pelos cinco pontos da Maçonaria, que chamamos de mero capricho, e o levanta deste

modo, pondo o pé contra pé, joelho contra joelho, barriga, contra barriga, a mão atraz das costas, proferindo estas palavras == M == B ==, que significão: o corpo está corrompido; e o levarão á Jerusalem, onde *Salomão* para recompensar as suas virtudes, o seu merecimento, e os seus talentos, o fez enterrar no Sanctuario do Templo, e lhe mandou pôr sobre o tumulo huma medalha de ouro, em fórma de triangulo, onde se achava gravada esta palavra, *Jevohah*, que era a antiga palavra do Mestre, a qual em Hebreu significa: Deos. O seu sepulchro era de marmore negro, e tinha sete pés de comprido, cinco de largura, e trez de profundidade.

Procissão da Grande Loja dos Pedreiros-Livres em Inglaterra, executada a 2 de Maio de 1814, dia destinado para a installação de sua Alteza Real, o Duque de Sussex, como Gram-Mestre etc.

O Lugar do Oriente estava reservado para os Officiaes maiores, para a Deputação das Grandes Lojas, de Scotland, e Irlanda, e para os Visitadores de distincção. Os Mestres, Guardas, e os antigos Mestres das competentes Lojas se ajuntarão ás onze horas em ponto, tomarão os seus lugares debaixo das suas respectivas bandeiras, sobre os bancos da esquerda, e da direita do Sallão dos Pedreiros-Livres. Os Mestres das Lojas estavão na frente; e em bancos por detraz delles os Guardas. Os Irmãos estavão todos de preto (exceptuando os militares) com collares azues claros, por suas proprias insignias, com luvas brancas, e aventaes. A grande Loja se abrio de tarde pelo muito

Veneravel, Sua Alteza Real, o *Duque de Kent*, antigo Gram-Mestre, acompanhado de outros antigos Officiaes maiores, no momento, em que se derão as instrucções maçonicas aos Irmãos congregados para o modo de proceder nesta solemnidade. Logo que a Grande Loja esteve devidamente formada, a Procissão se moveo na seguinte ordem:

Hião, o Gram Gentil-Homem com o seu bastão, os dois grandes Mordomos, e a cometiva de S. A. R., o Duque de Kent, a tres e tres. — A Insignia Real do Deputado Gram-Mestre, levada sobre huma almofada por hum Mestre Mação, hia entre dois grandes Mordomos. — Nove excellentes Mestres, a tres e tres, levavão os instrumentos da Maçonaria. Os primeiros trez os dos Aprendizes, os trez segundos os dos Officiaes, e os ultimos tres, os do Mestre Mação. — As luvas, e o avental do Gram Mestre hião sobre huma almofada, que levava o Mestre Mação. O collar, e a joia do mesmo Gram Mestre levava sobre outra almofada outro Mestre Mação. Seguião-se nos lados dois grandes Mordomos. Depois o gran-

de Super-Intendente das obras; o Grande Director das ceremonias; os Grandes Secretarios, que sobre almofadas levavão os Livros das Constituições; o Grande Registador, que trazia o Grande Thesoureiro com a sua chave de ouro; o Deputado Grande Capellão que sobre huma almofada trazia a Biblia, o Compasso, e a Esquadria; os dois Grandes Capellães; os dois Grandes Mordomos nos lados; os antigos Grandes-Guardas, dois a dois; os Gram-Mestres das Provincias, precedendo a cada hum sua Bandeira; a columna do Grande-Guarda mais moço; o Guarda mais moço; o Estandarte da Grande Loja trazido por hum Mestre Maçon; os dois Grandes Mordomos nos lados; a columna do Grande Guarda mais velho; os antigos Deputados Gram-Mestres, dois a dois; os Illustres Visitadores, dois a dois; a Deputação da Grande Loja da Irlanda na sua respectiva ordem; a Deputação da Grande Loja de Scotland, tambem na sua ordem respectiva: a Bandeira de S. A. R., o Principe Regente, (Rei actual) o Protector da Ordem; os dois grandes Mordomos nos lados; o antigo Gram-

Mestre, Duque de Atholl; o antigo Gram-Mestre, o Duque de Kent; a Bandeira de S. A. R., o Gram-Mestre; os dois Grandes Mordomos aos lados; o Portador da Grande Espada; S. A. R., o Duque de Sussex, Gram-Mestre; os Grandes Mordomos; dois Grandes Mordomos, e o Grande Telhador.

A Procissão andou tres vezes em torno da Grande Loja. O Gram-Mestre, os antigos Gram-Mestres, e os Officiaes fizerão sua reverencia ao passar pela frente do Throno, e todos os Irmãos derão sobre os tres degráos as competentes saudações; Sua Alteza Real foi depois conduzido pelos seus famulos desde o centro da Loja até ao Throno, estando os grandes Officiaes postados de ambos os lados em fileiras. Continuando as mais ceremonias, que se não podem escrever, nem imprimir, os Irmãos, sustentando a Regalia, se adiantarão, e S. A. R. foi logo investido com a insignia do seu alto emprego. Foi depois installado pelos antigos Gram-Mestres; e as Bandeiras, que servirão na Procissão, forão postas sobre o Throno; e a Biblia Santa, o Compasso e a Esqua-

dria se pozerão em cima da Arca, e diante delle. O Grande Director das ceremonias, depois de hum som de trombeta, proclamou por tres vezes estas palavras para a installação: " Saibão todos, que o muito " Digno Principe, Augusto Frederico, Du- " que de Sus ex, Conde de Invers, Barão " de Arklow, Principe de Brunswick Lunen- " burgh, Cavalleiro da muito Nobre Ordem " de Garter &c. &c., he installado Gram- " Mestre da Unida Grande Loja dos antigos " Pedreiros-Livres de Inglaterra, a quem " Deos conserve por longo tempo. ,, Tocou-se logo huma synfonia; e a Procissão andou outra vez em roda da Grande Loja, e se deu sobre os tres degráos a respectiva saudação ao Nobre Lord, o Deputado Gram-Mestre, quando elle se aproximou á parte opposta ao Throno. O Muito Respeiavel, e o muito Digno Deputado Gram-Mestre, foi então conduzido desde o centro da Loja até ao Throno; conservando se os Grandes Officiaes em fileiras, e praticando-se as mesmas ceremonias, como acima. Depois do som de huma trombeta, foi pro-

clamado com estas palavras: " Saibão to-
" dos que o Respeitavel, e muito Digno
" Thomaz, Lord Dundas, Lord Tenente,
" e Vice-Almirante de Orkney e Shetland,
" he installado Deputado Gram-Mestre da
" Uni..da Grande Loja dos antigos Pedreiros-
" Livres de Inglaterra para o anno de 1814,
" a quem Deos conserve por longo tem-
" po ,, A Musica tocou huma synfonia, e os Grandes Guardas, e os Grandes Officiaes, tendo sido propriamente installados no dia de S. João, tomárão os seus respectivos lugares depois de se haverem aproximado ao Throno, e feito a devida venia ao Gram-Mestre. A Ode feita para aquella occasião foi immediatamente recitada por Mr. Pope; Depois S. A. R. o Gram-Mestre, chamou á attenção da Grande Loja varias importantes materias apontadas para esta solemnidade; e a grande Loja se fechou com huma resa santa. O Gram-Mestre com os seus Officiaes recebeo depois em hum quarto continuo os Mestres, e os Guardas de varias Lojas.

Tudo se conduzio com huma restricta attenção ás antigas solemnidades, e com effeito

foi esta ceremonia cheia da maior pompa, e magnificencia. Sua Alteza Real o Duque de Kent, Sua Mercê o Duque de Attoll, Sua Mercê o Duque de Devonshire, Sua Excellencia o Duque de la Gardje, e outras Illustres, e Distinctas Personagens, assistirão á Procissão, e a outros objectos, que não podem ser descriptos, nem impressos. Foi tambem presente certo numero de Gram-Mestres das Provincias, e Visitadores das Grandes Lojas do Scotland, e Irlanda, e os Representantes das mais Lojas, incluindo os da Grande Unida Loja de Inglaterra. O Espectaculo foi o mais brilhante pela feliz união, que houve entre as duas fraternidades, e assim foi successivamente continuando pelas fraternaes, e conciliatorias demonstrações dos dois Duques Reaes, debaixo da sancção do Principe Regente, Protector da Ordem; para o que tambem contribuio a desinteressada conducta do Duque de Atholl, que havia sido o Gram-Mestre de hum corpo por espaço de 40 annos. Os Representantes das Lojas de ambas as Ordens se intermediárão completamente, e seguirão hum costume tão uniforme,

que fizerão hum, e o mesmo corpo. Tão perfeitamente se achárão na apparencia, como na fraternidade. A ceremonia foi acompanhada de musica. Huma sublime Antifona composta por Mr. Wesley, foi executada no orgão com grande admiração. As partes forão desempenhadas por Mrs. Leete, Goss, Evans, Taylor, Terrail, e outros; e as differentes partes da solemnidade forão acompanhadas por outras peças de musica compostas por Mr. Kelly. A Comitiva do Duque de Kent, como toda constava de Pedreiros-Livres, esteve na Galeria. O serviço do dia se tornou verdadeiramente interessante por hum Discurso, que proferio o Gram-Mestre sobre o objecto da Maçonaria, sua antiguidade, sua tradição, sua longa conservação na primitiva simplicidade, sua universalidade, e sua beneficencia. Sua Alteza Real, para conservar sempre a Arte na sua genuina pureza, fixou a sua determinação; pois confiava, que ella acharia em toda a parte o favor de numerosas Lojas, que elevassem taes estabelecimentos na Metropoli do Imperio Britannico para augmento da Grande Loja de maneira, que esta po-

desse ser o ponto central, da communicação Maçonica, e a fraternidade do Mundo inteiro. Como hum objecto de litteratura, e de antiquada indagação, era a sciencia assaz curiosa e importante, tanto para o discipulo, como para o Mestre; para este fim, foi da consideração de S. A. R. que entre outras cousas, se formasse huma Livraria para toda a investigação Maçonica; o que não seria de pouca utilidade, nem tambem não tão facil, como se julga; porque semelhante Livraria não deveria conter só Obras das vulgares Historias Maçonicas, mas sim huma numerosa collecção de Livros raros, e de valor em lingoas, Hebrea, Celtica, Grega, Latina, e Oriental. Isto foi recebido pelo numeroso corpo dos Pedreiros-Livres congregados com o mais cordial aplauso. A ceremonia durou até ás quatro horas da tarde, depois da qual os Mestres de mais de duzentas Lojas forão particularmente introduzidos á presença de S. A. R. e receberão a sua mão, como Irmão.

Quinta feira 12 de Maio huma numerosa Companhia jantou no Sallão dos Pedreiros-Livres, e se ajuntou para o fim de fixar a

instituição da sustentação das filhas de menoridade dos ditos. S. A. R., o Duque de Sussex estava na Cadeira. Havia huma esplendida companhia de Senhoras na Galeria. A banda de musica vocal era admiravel. Nada póde exceder a eloquente falla, em que S. A. recommendou a toda a Assembléa a virtude da caridade; e os seus esforços forão logo coroados com inaudita felicidade. Perto de 900 Libras Esterlinas forão immediatamente subscriptas, incluindo a collecta da Igreja de S. Martinho, que monta a 188 Libras; e isto depois de hum excellente Sermão que proferio o Dr. Coghlow. Os Mordomos nesta occasião tambem se esforçárão com o zelo não vulgar, e derão hum nobre exemplo de liberalidade em suas subscripções.

NA TYP. DOS IIRM.·. SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,
Rua d'Ouvidor, N. 95.
1833.

Obras da Maçoneria á vender em casa de Seignot-Plancher e Comp.

Annaes Maçonicos Fluminenses, 1.° vol. 1$000 rs.
Historia geral da Franc-Maçoneria, 1 vol. 1$000.
Senda Maçonica, 1 vol. 2$000 rs.
Regulamentos particulares, 1 vol. 2$000 rs.
Instrucções Maçonicas, ou Cathecismo d'aprendiz, 1 vol. ornado d'huma bonita estampa, 640 rs.
Cathecismo de Companheiro, 400 rs.
Cathecismo de Mestre, 400 rs.

Achão-se no prélo, para sahir brevemente.

O Cobridor (tuileur) *de todos os ritos Maçonicos*, ou Manual da Maçoneria Franceza, Escoceza, de adopção, &c. 2 vol. ornados de 24 estampas.

OBRAS DE MAÇONERIA A VENDER EM CASA DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª

Annaes Maçonicos Fluminenses; 1.º vol. 1$000 rs.

Historia geral da Franc-Maçoneria, desde o seu estabelecimento até aos nossos dias, seguida de alguns Discursos sobre diversas materias Maçonicas; Por J. F. Verhnes: 1 vol. 1$000 rs.

Regulamentos particulares, baseados sobre as Constituições geraes da ordem Maçonica, seguidos do Diccionario dos termos Maçonicos. 1 vol. 2$000 rs.

Senda Maçonica, ou Conductor das Lojas regulares, segundo o rito francez reformado. 1 vol. 2$000 rs.

Achão se no prélo, para sahir brevemente.

O Cobridor (tuileur) *de todos os ritos Maçonicos*, ou Manual da Maçoneria Franceza, Escoceza, de adopção, etc. 2 vol. ornados de 24 estampas.

001587